



ACADEMIA MILITAR

Mestrado integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria

**A importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas
no século XXI.**

**Caso de Estudo: Exército Português em comparação com outras
Organizações.**

Autor: Aspirante de Infantaria Cassiano Miguel Valadão Vieira

**Orientador: Capitão de Infantaria da Guarda Nacional Republicana Gonçalo João
Mendes de Brito**

Coorientador: Major de Infantaria Paraquedista João Carlos Lopes Polho

Lisboa, maio 2020



ACADEMIA MILITAR

Mestrado integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria

**A importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas
no século XXI.**

**Caso de Estudo: Exército Português em comparação com outras
Organizações.**

Autor: Aspirante de Infantaria Cassiano Miguel Valadão Vieira

**Orientador: Capitão de Infantaria da Guarda Nacional Republicana Gonçalo João
Mendes de Brito**

Coorientador: Major de Infantaria Paraquedista João Carlos Lopes Polho

Lisboa, maio 2020

EPÍGRAFE

“Success is walking from failure to failure with no loss of enthusiasm.”

Winston Churchill

DEDICATÓRIA

Aos meus irmãos de armas. Aos momentos que partilhámos durante 5 anos de curso. Que a memória nunca me falhe ao lembrar esses momentos. À minha família e aos meus amigos que ampararam as minhas lágrimas e o meu suor quando a confiança me faltou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus camaradas pelos momentos vividos e pela ajuda que fomos compartilhando durante todo este curso. Pelos momentos em que me apoiaram por estar longe da minha família. Agradeço à minha família pela paciência que tiveram durante todos os momentos de dificuldade pelos quais passei considerando que não podiam estar presentes para me ajudarem. Agradeço aos meus amigos pela sua compreensão em ter de abdicar da minha presença para conseguir terminar e focar-me no curso. Agradeço às famílias de alguns dos meus camaradas de curso que me alojaram em suas casas, como se de um filho seu se tratasse. Agradeço ao meu diretor de curso o Tenente Coronel de Infantaria Jorge Ribeiro, que nos apoiou ao longo destes dois últimos anos, sempre presente durante o tirocínio e no desenvolvimento deste trabalho. A elaboração deste trabalho durante este período pandémico só foi possível devido à sua compreensão e dedicação em ouvir e transmitir as nossas dificuldades. Agradeço ao meu orientador, o Capitão da Guarda Nacional Republicana Gonçalo João Mendes de Brito e ao meu coorientador, ao Major de Infantaria João Carlos Lopes Polho pelas orientações e direções que me guiaram durante a minha pesquisa tornando a realização deste trabalho possível. Agradeço a todos os que, mesmo sem se aperceberem, me fizeram acreditar que posso cumprir com o sonho de me tornar oficial dos quadros permanentes do Exército Português na especialidade de Infantaria.

Um agradecimento especial à minha mãe Rosa, ao meu pai Helder, ao meu irmão Gonçalo e aos meus avós Simas e Irene, que sempre rezaram por mim e me apoiaram nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Os binómios do Exército Português desempenham inúmeras funções para ajudar as forças militares a executarem as suas missões. No século XXI, o Combate em Áreas Urbanizadas, vulgarizou-se nas operações militares realizadas. Com isto, advieram novos desafios para as funções de combate conhecidas, essencialmente nas Informações, Movimento e Manobra e Comando e Controlo. Esses desafios alastraram-se para o planeamento das missões e para as táticas e técnicas usadas neste tipo de combate. Para ajudar no cumprimento da missão, o reforço das secções e pelotões de assalto com binómios, torna-se importante devido às capacidades sensoriais do cão, potencializadas com diferentes especialidades na Cinotecnia do Exército Português. Comparando essas técnicas e táticas, os métodos de trabalho, as funções desempenhadas e diferentes opiniões e doutrinas de outras organizações nacionais, europeias e americanas, levantaram-se as vantagens e as desvantagens do uso do binómio em Combate em Áreas Urbanas, com o intuito de se perceber a importância da Cinotecnia no Exército Português, neste tipo de combate, nos dias de hoje. Isto para se atingir o objetivo último deste trabalho de investigação aplicada, de entender o papel do binómio em Combate em Áreas Urbanizadas.

Para tal foi utilizado o método hipotético-dedutivo, tendo-se retirado como principais vantagens para o uso do binómio neste combate, o facto de aumentar a velocidade da limpeza de compartimentos e minimizar as dificuldades sentidas nas funções de combate. Todavia, a existência de países que por questões culturais não permitam o seu uso, é considerado como a maior desvantagem.

No entanto, caso seja permitido no Teatro de Operação usar o binómio, este torna-se um vetor fundamental na minimização do risco de perdas humanas.

Palavras-Chave: Combate em Áreas Urbanizadas, Binómio, Funções de Combate, Técnicas e Táticas em Combate em Áreas Urbanizadas, Exército Português.

ABSTRACT

The military working dogs of the Portuguese Army play countless functions to help the military forces carry out their missions. In the 21st century, Combat in Urban Areas became popular in military operations. With this, new challenges arose for the known combat functions, essentially in Information, Movement and Maneuver and Command and Control. These challenges spread to mission planning and to the tactics and techniques used in this type of combat. To assist in the fulfillment of the mission, the reinforcement of the sections and assault platoons with military working dogs, becomes important due to the sensory abilities of the dog, enhanced with different specialties in the Portuguese Army's. Comparing these techniques and tactics, the working methods, the functions performed and different opinions and doctrines of other national, European, and American organizations, the advantages and disadvantages of using the military working dogs in Combat in Urban Areas were raised, in order to see the importance of the canine units in the Portuguese Army, in this type of combat, nowadays.

This is to achieve the ultimate goal of this applied research work, to understand the role of the canine teams in Urban Operations.

For this purpose, the hypothetical-deductive method was used, with the main advantages for using the binomial in this combat being removed, the fact of increasing the speed of cleaning compartments and minimizing the difficulties felt in the combat functions. However, the existence of countries that for cultural reasons do not allow its use, is considered as the biggest disadvantage.

However, if the Theater of Operation is allowed to use the binomial, it becomes a fundamental vector in minimizing the risk of human losses.

Key-Words: Urban Operations, Military Working Dogs, Combat Functions, Techniques and Tactics in Urban Operations, Portuguese Army.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE DE TABELAS	ix
LISTA DE APÊNDICES.....	xii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xiii
INTRODUÇÃO	1
0.1 Enquadramento	1
0.2 Justificação do Tema	2
0.3 Objeto de Estudo.....	2
0.4 Objetivos de Investigação.....	3
0.5 Hipóteses.....	4
0.6 Opções Metodológicas.....	4
0.7 Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos	6
Capítulo I – Enquadramento e Conceitos	8
1.1 Combate em Áreas Urbanizadas.....	8
1.1.2 O Terreno.....	9
1.1.3 A População.....	11
1.1.4 As Infraestruturas Urbanas	11
1.2 Cinotecnia.....	12
Capítulo II – As características do cão e as suas funções no Exército Português e no Norte-Americano	15

2.1	As características naturais de um cão	15
2.2	As funções dos Cães no Exército Norte-Americano	16
2.3	As funções dos Cães no Exército Português	17
Capítulo III – Obtenção e Treino dos cães: Técnicas e Táticas em CAU		19
3.1.	As funções de combate no Combate em Áreas Urbanas	19
3.2.	A obtenção e o treino dos cães militares	21
3.2.1.	A obtenção de cães militares	21
3.2.2.	O treino dos cães militares.....	22
3.3.	As Técnicas e as Táticas utilizadas com o Binómio em CAU. O binómio nas equipas de limpeza.	27
Capítulo IV – Análise de Resultados		30
4.1.	Enquadramento	30
4.2.	Análise das Entrevistas	30
4.2.1.	Análise de Entrevistas – Guião de Entrevistas ao Grupo A	31
4.2.2.	Análise de Entrevistas – Guião de Entrevistas ao Grupo B.....	39
4.3.	Discussão dos Resultados	44
Capítulo V – Conclusões e Desafios		53
5.1.	Enquadramento	53
5.2.	Verificação de Hipóteses	53
5.3.	Resposta às Questões Derivadas.....	55
5.4.	Resposta à Pergunta de Partida.....	58
5.5.	Confirmação dos Objetivos da Investigação	59
5.6.	Reflexões Finais.....	60
5.7.	Limitações da Investigação.....	61
5.8.	Investigações Futuras.....	61

6. BIBLIOGRAFIA	63
7. APÊNDICES	xi
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS ENTREVISTAS	xi
APÊNDICE B – PRESENTATION LETTER TO INTERVIEWS	xii
Presentation Letter	xii
APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO A	xiii
APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO B	xiv
APÊNDICE E – RESPOSTAS AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO A	xv
APÊNDICE F – RESPOSTAS AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO B	xxv

INDICE DE TABELAS

Tabela 1: Exemplos da Multidimensionalidade do CAU	9
Tabela 2: Estudo do Terreno em Áreas Urbanizadas	10
Tabela 3: Espectro do conflito e Temas de Campanha.....	13
Tabela 4: Missões dos cães de guerra	14
Tabela 5: Especialização do Cão Militar, no Exército Português	17
Tabela 6: Teorias de Aprendizagem	23
Tabela 7: Tarefas que o binómio desempenha no Exército Francês em CAU	28
Tabela 8: As funções dos cães em diferentes organizações	44
Tabela 9: As vantagens e as desvantagens de utilizar o binómio em CAU	46
Tabela 10: As Dificuldades provocadas pelo CAU nas diferentes Funções de Combate	49

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1: Respostas à questão nº 1 da Entrevista ao grupo A.....	XV
Quadro nº 2: Respostas à questão nº 2 da Entrevista ao grupo A.....	XV
Quadro nº 3: Respostas à questão nº 3 da Entrevista ao grupo A.....	XVI
Quadro nº 4: Respostas à questão nº 4 da Entrevista ao grupo A.....	XVI
Quadro nº 5: Respostas à questão nº 5 da Entrevista ao grupo A.....	XVII
Quadro nº 6: Respostas à questão nº 6 da Entrevista ao grupo A.....	XVII
Quadro nº 7: Respostas à questão nº 7 da Entrevista ao grupo A.....	XVIII
Quadro nº 8: Respostas à questão nº 8 da Entrevista ao grupo A.....	XVIII
Quadro nº 9: Respostas à questão nº 9 da Entrevista ao grupo A.....	XIX
Quadro nº 10: Respostas à questão nº 10 da Entrevista ao grupo A.....	XIX
Quadro nº 11: Respostas à questão nº 11 da Entrevista ao grupo A.....	XIX
Quadro nº 12: Respostas à questão nº 12 da Entrevista ao grupo A.....	XIX
Quadro nº 13: Respostas à questão nº 13 da Entrevista ao grupo A.....	XX
Quadro nº 14: Respostas à questão nº 14 da Entrevista ao grupo A.....	XX
Quadro nº 15: Respostas à questão nº 15 da Entrevista ao grupo A.....	XX
Quadro nº 16: Respostas à questão nº 16 da Entrevista ao grupo A.....	XXI
Quadro nº 17: Respostas à questão nº 17 da Entrevista ao grupo A.....	XXI
Quadro nº 18: Respostas à questão nº 18 da Entrevista ao grupo A.....	XXI
Quadro nº 19: Respostas à questão nº 19 da Entrevista ao grupo A.....	XXII
Quadro nº 20: Respostas à questão nº 20 da Entrevista ao grupo A.....	XXII
Quadro nº 21: Respostas à questão nº 21 da Entrevista ao grupo A.....	XXII
Quadro nº 22: Respostas à questão nº 22 da Entrevista ao grupo A.....	XXIII
Quadro nº 23: Respostas à questão nº 1 da Entrevista ao grupo B.....	XXIV
Quadro nº 24: Respostas à questão nº 2 da Entrevista ao grupo B.....	XXIV
Quadro nº 25: Respostas à questão nº 3 da Entrevista ao grupo B.....	XXIV
Quadro nº 26: Respostas à questão nº 4 da Entrevista ao grupo B.....	XXV
Quadro nº 27: Respostas à questão nº 5 da Entrevista ao grupo B.....	XXV
Quadro nº 28: Respostas à questão nº 6 da Entrevista ao grupo B.....	XXV
Quadro nº 29: Respostas à questão nº 7 da Entrevista ao grupo B.....	XXVI
Quadro nº 30: Respostas à questão nº 8 da Entrevista ao grupo B.....	XXVI

Quadro nº 31: Respostas à questão nº 9 da Entrevista ao grupo B.....	XXVI
Quadro nº 32: Respostas à questão nº 10 da Entrevista ao grupo B.....	XXVII
Quadro nº 33: Respostas à questão nº 11 da Entrevista ao grupo B.....	XXVII
Quadro nº 34: Respostas à questão nº 12 da Entrevista ao grupo B.....	XXVIII
Quadro nº 35: Respostas à questão nº 13 da Entrevista ao grupo B.....	XXVIII
Quadro nº 36 Respostas à questão nº 14 da Entrevista ao grupo B.....	XXVIII
Quadro nº 37: Respostas à questão nº 15 da Entrevista ao grupo B.....	XXX

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Carta de Apresentação às Entrevistas

Apêndice B: Presentation Letter to Interviews

Apêndice C: Guião de Entrevista ao Grupo A

Apêndice D: Guião de Entrevista ao Grupo B

Apêndice E: Respostas ao Corpo de Questões do Guião de Entrevista ao Grupo A

Apêndice F: Respostas ao Corpo de Questões do Guião de Entrevista ao Grupo B

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

CAU – Combate em Áreas Urbanas

EPW – Enemy Prisoner of War

FND – Força Nacional Destacada

Frontex – European Border and Coast Guard Agency

GNR – Guarda Nacional Republicana

HRP – High Risk Personnel

HRT – High Risk Target

IPB – Intelligence Preparation of Battlespace

MOUT – Military Operations on Urbanized Terrain

MWD – Military Working Dog

NEP – Normas de Execução Permanentes

OP – Objetivo Principal

Op – Objetivo parcelar

PD – Patrol Dogs

PEDD – Patrol Explosive Detector Dogs

PNDD – Patrol Narcotic Detector Dogs

QC – Questão Central

QD – Questão Derivada

ROE – Rules of Engadgement

SOP – Stantard Operational Procedures

UO – Urban Operations

INTRODUÇÃO

0.1 Enquadramento

As áreas urbanas ao longo de todo o planeta têm vindo a expandir-se de uma forma quase tão exponencial como a população global e em conjunto com essas áreas urbanas, a rede de esgotos, de transportes públicos e infraestruturas têm crescido drasticamente. Da mesma forma, os governos e as componentes mais importantes para o bom funcionamento de uma nação têm – se aglomerado nessas áreas urbanas, não só nos países desenvolvidos, mas também em países em desenvolvimento.

Devido ao seu crescimento exponencial, muitas infraestruturas dessas áreas urbanas não são feitas com material de construção de qualidade, tornando – se instáveis. A rápida ascensão destas cidades faz com que também exista uma falta de organização territorial e consequentemente funcional nestas zonas, que apesar de toda esta confusão e desorganização, reúnem as partes mais importantes de uma sociedade, como a indústria, a economia e a saúde pública. (Headquarters, 2006, p. 1-1)

Desta forma, potenciais inimigos de um país aperceberam-se que podiam tirar proveito da complexidade deste ambiente e realizar operações militares capazes de afetar o seu adversário. Assim, inimigos do Estado com menos capacidades bélicas e tecnológicas que o seu Exército, descobriram que era uma mais-valia desenrolar ofensivas nessas regiões, para tirar a maior vantagem sobre ele. (Headquarters, 2006, p. 1-2)

Para combater as ameaças neste tipo de ambiente complexo, alguns países como os Estados Unidos da América e a França têm implementado o uso de cães no combate nestas áreas urbanas. Para tal, têm lidado com vários desafios, uma vez que o Combate em Áreas Urbanas (CAU), tem várias vertentes, não se resumindo somente à limpeza de compartimentos.

Com isto, a Cinotecnia atual tem-se deparado com novos desafios.

No âmbito desta investigação subordinada à *Importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas no século XXI*, pretende-se perceber o que ela é e como pode ajudar neste novo módulo de combate, tendo em conta as características do cão e as funções de combate mais importantes no CAU.

0.2 Justificação do Tema

Este tema de investigação está incorporado na Área Científica de Organização, Tática e Logística podendo afigurar-se importante para a Academia Militar, pois faz uma abordagem mais técnica acerca do Combate em Áreas Urbanizadas, estudando não só táticas de diferentes países em CAU, assim como dar a conhecer novas técnicas para um maior sucesso neste módulo de operações militares. Com este tema, pretende – se fugir um pouco a questões doutrinárias e estratégicas dando especial foco às técnicas e táticas do combate pela Infantaria, especialmente em Áreas Urbanas.

A escolha do tema também se deveu ao fascínio pessoal por cães e a um interesse particular na vertente operacional de CAU. Qualquer investigador deve ter paixão pelo seu objeto de estudo, caso contrário perderia facilmente a motivação. Por outro lado, percebe-se que esta área será uma mais-valia num futuro próximo se se começarem a implementar novos procedimentos técnicos e táticos em CAU.

Por último, foi escolhido este tema, devido à falta de investigação no Exército Português acerca da Cinotecnia e das mais-valias que esta pode trazer nas missões desempenhadas pelo nosso Exército, não só pela Cavalaria, mas essencialmente pela Infantaria.

0.3 Objeto de Estudo

Na investigação deste tema pretende-se abordar a cinotecnia com especial foco na sua utilização no Combate em Áreas Urbanizadas. Neste trabalho a pesquisa das características do cão devem ser interpretadas de forma a compreender se são uma mais-valia para este tipo de combate e não para outro tipo de função que o binómio possa desempenhar em áreas distintas. Assim, pretende-se restringir as valências do cão para o CAU e verificar se a utilização deste é benéfica ou não, de forma a perceber se existe um cão com características específicas para este tipo de combate e caso exista de que forma deve ser treinado e utilizado.

O grande objetivo deste trabalho é então tentar compreender a importância da Cinotecnia no CAU e por conseguinte no futuro do Exército Português e se devemos desenvolver mais esta área, tal como homólogos nossos fizeram, como por exemplo a

Guarda Nacional Republicana, a nível nacional, mas também a nível europeu os Exércitos Francês e Austríaco e mesmo internacional, com o Exército Norte Americano.

O objeto de estudo desta tese é a Cinotecnia na vertente do Combate em Áreas Urbanizadas.

0.4 Objetivos de Investigação

O objetivo principal (OP) desta investigação é compreender o papel da Cinotecnia no Exército Português. Pretende-se perceber se a Cinotecnia está subvalorizada e se devemos investir mais nesta área para futura utilização dos binómios em Forças Nacionais Destacadas (FND) em ambiente urbano. Assim sendo, a questão central do trabalho propõe-se descobrir - **Qual é a importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas no século XXI, no Exército Português?** – e para chegar a uma resposta a esta questão central (QC), foram delimitadas outras questões derivadas (QD) para ajudar na pesquisa dessa resposta. Essas questões derivadas tiveram em conta objetivos parcelares (Op) tais como perceber quais são as características do cão e se alguma é benéfica para o CAU, perceber as técnicas e táticas utilizadas noutros países que utilizam binómios no CAU, compreender os treinos que devem ser efetuados, compreender algumas dificuldades ao implementar o binómio neste tipo de combate e por fim perceber se a utilização do cão será uma mais-valia para colmatar lacunas nas funções de combate em CAU. Assim as respetivas questões derivadas que advieram destes objetivos parcelares foram:

- QD N° 1: **Quais são as funções do binómio no Exército português?**
- QD N° 2: **Quais são as características que um cão deve ter para a rentabilização do seu uso em CAU?**
- QD N° 3: **Qual é o tipo de treino que deve ser efetuado para binómios em CAU?**
- QD N° 4: **Quais são as vantagens e as desvantagens de usar binómios em CAU?**

- QD N° 5: **Será dispendioso introduzir esta valência no CAU?**

0.5 Hipóteses

Para uma formulação de respostas mais concisas e organizadas, neste trabalho foram levantadas algumas hipóteses que devem ser analisadas, pois tal como Quivy e Campenhoudt afirmam, a hipótese permite um seguimento do trabalho, como um fio condutor, que é confrontado com dados de observação, de forma a ser possível refutá-la ou validá-la e chegar assim a uma conclusão precisa (2005, p. 119 e 120).

Desta forma, para esta investigação foram colocadas as seguintes hipóteses sob a forma de pergunta:

- Hipótese N°1: As funções que o binómio desempenha no Exército Português são só de deteção de explosivos, de guarda de infraestruturas e de cão patrulha?

-Hipótese N°2: O olfato e a visão dos cães são as únicas formas de rentabilizar um cão para o combate em ambiente urbano?

-Hipótese N°3: O tipo de treino adequado para cães em CAU é um treino de intervenção tática?

-Hipótese N°4: As vantagens de utilizar um cão no combate em ambiente urbano são superiores às desvantagens? A maior vantagem é a redução de perda de vidas humanas em CAU? A deteção da equipa de limpeza pelo inimigo por barulho do cão é a maior desvantagem?

-Hipótese N°5: Introduzir um binómio no CAU não é dispendioso? Adquirir novas tecnologias para ajudar neste tipo de combate é mais dispendioso?

0.6 Opções Metodológicas

O tema de investigação acerca da *Importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas. Caso de Estudo no Exército Português em comparação com outras Organizações*, encontra-se enquadrado na área científica de Organização, Tática e Logística. Estando este trabalho integrado numa investigação aplicada, para a elaboração de trabalhos de investigação, “tem por objetivo encontrar uma aplicação prática para os

novos conhecimentos, adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais” (Carvalho como citado em Vale Lima et. al, 2019, p. 12).

O objeto de estudo foi delimitado a nível temporal ao século XXI e aos desafios que se têm vivido no combate moderno, por isso é que se cinge ao combate em áreas urbanas, uma realidade cada vez mais atual. A nível organizacional, pensou-se restringir a temática ao Exército Português e perceber como a Cinotecnia neste Exército está a ser desenvolvida e se existe alguma mais-valia em utilizá-la em CAU. Para além de compará-lo a Exércitos como o dos Estados Unidos da América, o Exército Francês e outras organizações nacionais e europeias, como a Guarda Nacional Republicana (GNR) e a *European Border and Coast Guard Agency* (Frontex), respetivamente.

Para prosseguir com esta investigação, optou-se por uma forma de raciocínio hipotético-dedutivo, no qual através da análise documental se formularam hipóteses a partir das quais se pretende verificar se são verdadeiras ou falsas por meio dos dados adquiridos em conjunto com a informação proveniente dessa análise documental (Vale Lima et. al, 2019, p. 20).

As técnicas de recolha de informação usadas a nível documental são predominantemente documentos de fontes primárias de diferentes organizações nacionais e internacionais, uma vez que se trata de um assunto técnico e tático da utilização de cães neste tipo de combate. Para além disso, foram realizadas entrevistas como instrumento de recolha de dados, por se pretender uma estratégia mais qualitativa, uma vez que esta desempenha um papel importante no suporte do processo de tomada de decisão.

A amostra utilizada nas entrevistas foi: a Equipa de Binómios de Intervenção Tática, da Companhia de Intervenção Cinotécnica, do Grupo de Intervenção Cinotécnico. E ainda a indivíduos de diferentes organizações de diferentes países europeus, como a Finlândia, a Estónia, a Letónia e a Áustria.

Com esta investigação, não se pretende propriamente concluir se se deve ou não utilizar o cão, mas sim compreender e perceber as vantagens e desvantagens do uso do binómio em CAU, para que posteriormente possa apoiar a decisão da sua incorporação ou não no Exército Português.

0.7 Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos

O presente trabalho está formulado em 5 capítulos:

- Introdução;
- Capítulo I: Enquadramento e Conceitos: Combate em Áreas Urbanas e Cinotecnia;
- Capítulo II: Características do cão e as suas Funções no Exército Português e no Exército Norte Americano;
- Capítulo III: Treino dos cães: Técnicas e Táticas em CAU;
- Capítulo IV: Análise de Resultados;
- Capítulo V: Considerações finais/Conclusão;

Na Introdução é feita uma apresentação do trabalho elaborado. Nela é referido o porquê da escolha deste tema, são apresentadas as opções metodológicas do trabalho, nas quais se pretende delimitar o objeto de estudo e elencar as técnicas de recolha de dados. É ainda na Introdução que se pretendem elencar as questões/hipóteses às quais se pretende responder ao longo da investigação, para que no final da sua leitura sejam explícitos os pressupostos que levaram à sua elaboração.

No primeiro capítulo, pretendeu-se enquadrar o trabalho nos conceitos de combate em áreas urbanas e na Cinotecnia. Explica-se o conceito de Cinotecnia, o que se faz nesta área e também se dá uma noção do combate do século XXI, ou seja, um combate que ocorre essencialmente em áreas urbanizadas.

No segundo capítulo, faz-se uma abordagem mais pormenorizada às características do cão militar. Pretende-se explicar as suas características e as funções que o Exército Português nomeou para rentabilizá-lo.

No terceiro capítulo e com alguma documentação, não só nacional, mas também internacional, pretende-se perceber que tipos de treino é que se fazem com os cães e quais são as técnicas e táticas utilizadas quando o cão é incorporado em CAU, para além de como é feita a sua aquisição.

No quarto capítulo, pretende-se analisar os dados recolhidos durante a pesquisa documental e entrevistas realizadas, para depois se conjugar e retirar conclusões pertinentes para responder às questões levantadas previamente.

No quinto capítulo, com as considerações finais e conclusão, pretende-se chegar ao objetivo primário deste trabalho e compreender se a incorporação da Cinotecnia no CAU é uma mais-valia para o Exército Português.

Capítulo I – Enquadramento e Conceitos

1.1. Combate em Áreas Urbanizadas

As operações em áreas urbanizadas vieram mudar o tipo de combate a que os Exércitos estavam habituados. No passado, as doutrinas militares viam este tipo de combate como operações em terreno urbanizado, designadamente “*military operations on urbanized terrain*”, (MOUT), nas quais as forças militares se empenhavam em ruas e em zonas densamente edificadas, com uma ameaça convencional. O objetivo era somente derrotar e destruir o inimigo sem quaisquer considerações (Headquarters, 2008, p. 1-1).

Atualmente, este conceito de conduzir operações em ambiente urbano tornou-se mais complexo, havendo ainda mais a necessidade de o estudar ao pormenor na perspectiva das variáveis de missão (M-Missão, I-Inimigo, T-Terreno, M-Meios Disponíveis, T-Tempo e C-Considerações Civis), mas também na perspectiva das Variáveis Operacionais (P-Política, M-Militar, E-Economia, S-Social, I-Informação, I-Infraestruturas, E-Ambiente Físico e T-Tempo Disponível), uma vez que o combate moderno em áreas urbanas é multidimensional (Exército Português, 2012, p. 1-8).

O conceito atual de UO, tem em consideração a população dessa região e vê-a como uma chave para o sucesso. Desta forma, o conceito de UO difere do antigo MOUT, pois não resume este tipo de operação em apenas ter um inimigo convencional em zonas urbanizadas. Em UO, o objetivo não é focado somente em destruir o inimigo, que se tornou não convencional, mas considera ainda que para além de destruir o inimigo é importante compreender as interações existentes entre os três componentes de uma área urbana: o terreno, quer seja natural ou alterado pelo homem, a população existente e as infraestruturas de apoio, que possam existir para esse combate. Assim, tornou-se importante, não só destruir o inimigo, mas conseguir obter o respeito e o apoio da população local (Headquarters, 2008, p. 1-2).

Após uma pequena introdução à evolução do conceito de áreas urbanizadas e respetivas operações, é necessário compreender as três áreas críticas neste tipo de combate.

1.1.2 O Terreno

O terreno, quer seja natural ou alterado pelo Homem, foi sempre uma constante na análise, não só em operações em áreas urbanas como em operações convencionais, tais como decorreram durante a 1ª e 2ª guerras mundiais. Neste tipo de operação, o terreno ganhou outras dimensões. O terreno em áreas urbanas tem de ser dividido em várias categorias. Numa primeira fase de avaliação, tem de ser visto a nível horizontal e a nível vertical.

A nível horizontal foram incorporados dois novos conceitos: a superfície exterior e a superfície interior. Na superfície exterior a força está a combater entre edifícios, nas ruas ou até mesmo no topo de casas. Na superfície interior, o combate é realizado no interior das infraestruturas, ou até mesmo em esgotos ou redes metropolitanas (Headquarters, 2006, p. 2-3).

A nível vertical, o combate passou a ser visto por vários níveis consoante os andares dos edifícios, caves e até no telhado dos mesmos, para além de existir sempre incorporado o espaço aéreo (Headquarters, 2006, p. 2-3). Na tabela seguinte (tabela 1) resumem-se as principais características do espaço urbano.

Tabela 1: Exemplos da Multidimensionalidade do CAU

Espaço Aéreo		
Multidimensional	Horizontal	Vertical
Interior	Rés-do-chão dos Edifícios, casamatas, armazéns de um só andar.	Restantes andares dos Edifícios.
Exterior	Ruas, pátios, cemitérios.	Terraços de edifícios, Aterros Sanitários.
Subterrâneos		

Fonte: Elaboração Própria

Esta nova forma de ver o terreno, sobrepôs-se às redes hidrográficas e à vegetação. Neste tipo de terreno, para além da RaVINA, o estudo do Relevo e das Redes Hidrográficas, da Vegetação, da Natureza dos Solos e das Alterações do Homem, também

é pertinente estudar o tipo de construção existente, as redes metropolitanas, os esgotos, o tipo de edifícios, se são edifícios com um único piso, ou se tem mais pisos, para além de caves subterrâneas, de forma a compreender o tipo de modelo urbano existente. Na tabela 2 resumem-se as tipologias do edificado e os modelos urbanos comuns.

Tabela 2: Estudo do Terreno em Áreas Urbanizadas

Estudo do Terreno em Áreas Urbanas								
Tipos de Construção	Centro Histórico/Velhas Cidades	Centro financeiro / negócios	Zona Industrial Denso	Industrial Ligeiro	Residencial de alta densidade	Residencial de baixa densidade	Subterrâneos	Bairros de lata
Tipos de Modelos Urbanos	Aglomerado Central	Tipo Satélite	Modelo tipo Rede	Modelo tipo Linear	Modelo tipo Segmento			
Tipos de Edifícios	Edifícios Tipo Bloco (a)	Edifícios de Tijolo (a1) ¹	Edifício de cimento armado (a2)	Edifício do tipo túnel (a3)	Lugares de Reunião Pública (a4)			
	Edifícios Tipo Estrutura (b)	Com Revestimento forte (b1)	Edifícios de Revestimento Ligeiro (b2)	Parques de Estacionamento				
	Tipos de Habitações das Áreas Residenciais (c)	De natureza urbana (c1)	De natureza rural (c2)					

Fonte: Elaboração Própria

A avaliação do terreno neste tipo de combate tem de ser constante, visto que com os bombardeamentos aéreos, tiros de carro de combate e até mesmo as secções canhão da

¹ As letras a1, b1, c1 e assim sucessivamente pretendem demonstrar os tipos de construção associados à família a, b e c respetivamente.

Infantaria, provocam escombros que mudam drasticamente a forma das áreas urbanas e ainda podem provocar incêndios, perda de eletricidade, inundações e outro tipo de obstáculos eficazes para imobilizar e encurralar forças militares que operem nessa zona. Há ainda a acrescentar que com esses escombros torna-se mais fácil a implementação de *booby traps*. Assim, para além da complexidade e da multidimensionalidade destas regiões, a incerteza também é constante (Headquarters, 2006, p. 2-3).

1.1.3 A População

Em CAU, a população civil influencia em vários níveis o desenrolar das operações em áreas urbanizadas. Se não compreendermos os valores e os princípios da sociedade na qual estamos a operar, podemos estar a criar mal-entendidos, que posteriormente podem vir a afetar a nossa modalidade de ação. Mesmo evacuando essas áreas, o número de pessoas escondidas pode chegar aos dez mil, e a interação entre elas e o inimigo, em conjunto com a comunicação com os *media*, podem vir a afetar a condução das operações (Headquarters, 2006, p. 2-13).

Uma forma de tentar apaziguar este risco é utilizar a estratégia “*Winning hearts and minds*”. Para interpretar esta forma de agir em operações como esta, podemos dividi-la em dois conceitos (Dixon, 2009, p. 363):

-O conceito de “*Hearts*”, que implica ganhar o suporte emocional da população, ou seja, ligarmo-nos emocionalmente às pessoas dessa região;

-O conceito de “*Minds*”, que implica a compreensão dos civis, que as forças militares ao estarem naquela região é do próprio interesse dessa sociedade.

Sem confiança e respeito por parte da sociedade que vive em zonas urbanas dos nossos teatros de operações, a possibilidade de obter sucesso é reduzida. (Ibidem, 2009, p. 364)

1.1.4 As Infraestruturas Urbanas

Este tipo de Infraestruturas são as que ligam o terreno das áreas urbanas com a sociedade que nela vive. É este o sistema que permite suportar a economia e a sociedade da zona urbana. Em UO, controlar, destruir ou proteger este tipo de infraestruturas é vital para moldar as operações urbanas, pois assim isola-se a ameaça de potenciais recursos. Ao estudar estas infraestruturas e tentar localizá-las na zona urbana, conseguem-se

perceber os possíveis locais nos quais a ameaça se encontra, tais como, hospitais, bombas de gasolina, armazéns, reservatórios de água, redes de transporte, centros de comunicação como rádios e televisão, entre outros, fundamentais para o bom funcionamento das cidades.

“Controlling these critical transportation nodes may prevent the threat from resupplying his forces. The control of key radio, television, and newspaper facilities may isolate him from the urban populace” (Headquarters, 2006, p. 2-18 e 2-19).

Contudo é de extrema importância salientar que destruir este tipo de infraestruturas pode alterar a aceitabilidade das forças militares por parte da sociedade que vive nessa área urbana (Ibidem, 2006, p. 2-19).

Desta forma, entende-se que é de extrema importância para operações futuras em CAU, ter em conta as transformações que houve no combate moderno e na perspectiva de olhar para ele. Quando se pretende planejar operações em áreas urbanas, o terreno urbano, a sua sociedade e as infraestruturas vitais para o bom funcionamento das cidades terão de ser uma constante no pensamento dos mais altos cargos militares.

1.2. A Cinotecnia

A Cinotecnia de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Novo Acordo Ortográfico (2013, p. 358) é o “estudo da anatomia, comportamento, psicologia, etc., de raças caninas, que tem por objetivo o treino e a criação de cães”.

Para quem retira o melhor rendimento dos cães, estes podem ser fundamentais para uma força militar. Eles com os seus sentidos de visão, olfato e audição quando trabalhados para as suas capacidades de deteção, permitem dar uma vantagem enorme tanto física como psicológica aquando da dissuasão de uma ameaça (Headquarters, 2005, p. 1-1).

Ao olhar para o espectro dos conflitos e para a escala de violência, verifica-se que à medida que a violência vai aumentando, a designação da situação adjacente também muda. Inicialmente e com um grau de violência mínimo, temos a designada Paz Estável. De seguida, com o aumentar da violência, passamos sucessivamente para Paz instável, Guerra Subversiva e Guerra Total. Ao conjugar este espectro com os temas de campanha,

obtemos os vários tipos de operações militares que uma força militar pode desempenhar (Exército Português, 2012, p. 2-1 e 2-20).

Na tabela 3 esquematizam-se os vários tipos de ações para cada um dos estádios de guerra.

Tabela 3: Espectro do conflito e Temas de Campanha

Paz Estável	Paz Instável	Guerra Subversiva	Guerra Total
Empenhamento em Tempo de Paz	Empenhamento em Tempo de Paz	Intervenção Limitada	Guerra Irregular
Intervenção Limitada	Intervenção Limitada	Apoio à Paz	Conflitos de Grande Envergadura
Apoio à Paz	Apoio à Paz	Guerra Irregular	
	Guerra Irregular	Conflitos de grande Envergadura	

Fonte: Elaboração Própria

Ainda, nos Tipos de Operações do espectro de Operações existentes, podemos salientar quatro grandes tipos: as Operações Ofensivas, as Operações Defensivas, as Operações de Estabilização e as Operações de Apoio Civil (Ibidem, 2012, p.2 -18).

Ao olhar para o espectro de operações, os temas de campanha e os níveis de violência, compreendemos que os cães podem ser utilizados em todo esse espectro, desde os conflitos de grande envergadura, tal como aconteceu durante a 2ª guerra mundial, como em guerras subversivas e de guerrilha, como aconteceu durante a Guerra Colonial em África e ainda em Intervenção Limitada e em Operações de Apoio à Paz, como ocorreu em Timor (Carvalho, 2019).

Com a utilização destes cães, as forças militares ficam com uma alternativa quando as ROE (Rules of Engagement) não permitem o uso de força letal. O que se torna uma mais-valia em Operações de Apoio à Paz (Headquarters, 2005, p. 1.1).

De acordo com o *Field Manual 3-19.17, Military Working Dogs* de (2005), as funções que um cão militar pode desempenhar são as apresentadas de seguida na tabela 4.

Tabela 4: Missões dos cães de guerra

Operações de Segurança da Área	Operações de Manobra e Suporte à Mobilidade	Operações de I/R		Operações de Ordem Pública
Área e Reconhecimento	Suporte de Manobra	Evacuação	Prisioneiros de Guerra	Proteção da Força
Rastreio e Vigilância				Investigações da Polícia Militar
Defesa de Base				Suporte Aduaneiro
Cerco e Busca	Suporte à Mobilidade			Operações de Reimplantação
Checkpoints				Pacotes Suspeitos
Bloqueios estradais				Inspeções de Saúde e Bem-estar
Força de Resposta				Controlo de multidão
Segurança a High Risk Personnel				Respostas de Alarme
				Ameaça de Bombas
	Demonstrações Públicas de capacidades			

Fonte: Elaboração Própria

No próximo capítulo exploram-se as principais características dos cães de guerra e as suas funções no caso de estudo no Exército Português.

Capítulo II – As características do cão e as suas funções no Exército Português e no Norte-Americano

2.1. As características naturais de um cão

Para se perceberem as características naturais de um cão é necessário perceber o que é um instinto. De acordo com o PDE 0-20-18 (Exército Português, 2015, p.3-2), o instinto de um cão é um “estímulo interior e inato que induz os cães a realizarem atos relacionados com a sua conservação e reprodução”.

O cão tem somente um instinto primário, que é o da sua sobrevivência ou da sobrevivência de quem gosta. Para tal, satisfaz quatro necessidades fundamentais: a segurança, o alimento, o gregarismo², e a propagação do seu fundo genético. Associado a este instinto primário, o cão desenvolve instintos secundários de acordo com o PDE 0-20-18 (Exército Português, 2020, p. 3-2 e 3-3), como o instinto de Caça, o instinto de Presa, o instinto Sexual, o Territorial e o de Defesa.

Ao instinto de Caça, provém o estímulo de busca e captura de alimento, de rastreamento de áreas e para tal, o cão utiliza os seus três sentidos mais apurados: a visão, o olfato e a audição.

Ao instinto de Presa, provém a necessidade de morder. Neste instinto o cão procura perseguir, capturar e até matar o potencial alimento. Ao instinto Sexual está associada a necessidade de se reproduzir.

Com o instinto Territorial, o cão vai proteger e estabelecer uma defesa territorial para um ou mais indivíduos.

Com o instinto de Defesa, o cão vai ter comportamentos com o objetivo de reagir de forma agressiva contra eventuais ameaças a si ou a quem mais gosta.

Para além disso, o cão com os seus três sentidos mais bem apurados, a visão, o olfato e a audição consegue fazer muitas coisas que nem os soldados mais bem treinados, nem muitos sistemas eletrónicos conseguem fazer. Tal como foi referido numa entrevista da RECORDTV a um sargento da Polícia Aérea, “um cão consegue detetar vibrações no terreno a distâncias que muitas vezes até os sistemas eletrónicos falham. Devemos pegar

² Gregarismo, de acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa (2013, p. 819), significa “tendência de indivíduos da mesma espécie para se reunirem e viverem juntos”.

nessas capacidades instintivas que o cão já possui e trabalhá-las de certo modo para usá-las em nosso favor” (Correia & Mateus, 2017).

“An MWD can be trained to respond consistently to certain sensory stimuli (sights, sounds, odors, or scents) and alert the handler. Under most circumstances, a properly trained MWD can smell, hear, and visually detect movement better than a person.” (Headquarters, 2005, p. 1-5).

2.2. As funções dos Cães no Exército Norte-Americano

Os Estados Unidos da América têm os seus cães de trabalho divididos em três grandes tipos: os *Patrol Dogs* (PD), os *Patrol Narcotic Detector Dogs* (PNDD) e os *Patrol Explosive Detector Dogs* (PEDD).

Os PD desempenham um papel muito importante na dissuasão de atividade inimiga, uma vez que rastreiam uma larga área se forem utilizados em lanços. Este tipo de cão é utilizado em missões de patrulhas e em operações de imposição de paz, podem ser utilizados para pesquisar e rastrear compartimentos de edifícios para verificar a existência de ameaça. São normalmente utilizados em operações antiterroristas, em operações de forças especiais, como resposta rápida, para capturar indivíduos e para capturar e apoiar operações nas quais exista o risco de encontrar *High Risk Targets* (HRT). Este tipo de cão deve ser utilizado para fornecer uma dissuasão face à atividade inimiga na zona e mostrar força adicional, com medidas antiterroristas. Devem ser colocados em áreas vulneráveis, onde se espere atividade inimiga ou até mesmo em locais onde haja HRP. Com esta descrição apercebemo-nos que este tipo de cão pode ser utilizado em CAU (Ibidem, 2005, p. 1-6).

Os PNDD para além das missões dos PD, também são treinados para procurar estupefacientes através de um programa de treino de prática e recompensa. Eles podem ser utilizados para missões como inspeções de saúde e bem-estar na comunidade militar, podem inspecionar áreas e veículos e ainda bagagens. Este tipo de cão é utilizado para detetar drogas dentro da comunidade militar (Idem, 2005, p.1-7).

Os PEDD para além das missões dos PD, são cães treinados para detetar explosivos. Este tipo de cão é especialmente utilizado quando há a necessidade de localizar um ou mais explosivos que poderão estar escondidos numa área. As missões

típicas destes cães são: Ameaças de bombas, suspeita de pacotes desconhecidos e na revista em Checkpoints. Estes cães também têm um papel muito importante em CAU, pois permitem detetar se existe alguma armadilha ou não em obstáculos que possam aparecer, como armários, portas, etc (Idem, 2005, p. 1-7 e 1-8).

“A well-trained PEDD team can conduct a significantly more effective search of an area or facility in a much shorter time than a number of people can.” (Idem, 2005, p. 1-8).

2.3. As funções dos Cães no Exército Português

De acordo com o PDE 0-20-18 (Exército Português, 2015, p. 3-3 e 3-4), os cães no Exército Português podem ser cães de ataque ou cães de deteção.

Os cães de ataque são cães que têm de ter uma grande robustez física, uma forte intensidade de busca, equilíbrio psíquico, bom instinto de defesa, ser bem socializado e ativo e têm de ter um porte, de médio a grande. Bons exemplos deste tipo de cão são: O pastor alemão, o pastor belga, o pastor holandês e o rottweiler.

Os cães de deteção são cães com interesse de busca e deteção acima da média. Normalmente nestes cães o seu instinto de caça está mais apurado. Bons exemplos deste tipo de cão são: o Pastor Alemão, o Pastor Belga, o Retriever do Labrador, o Pastor Holandês e o Cocker Spaniel.

De acordo com estes dois grandes tipos de cães, o Exército Português criou diversas especializações para o cão militar.

Na tabela 5, apresentam-se as principais tarefas dos cães militares em Portugal.

Tabela 5: Especialização do Cão Militar, no Exército Português

Especialização do Cão Militar	
Cão de Exploração	A sua utilização ocorre em áreas abertas, fechadas, edificadas e túneis. Acompanha as unidades de combate em qualquer ambiente. Serve para detetar ameaças, como forças hostis e armadilhas. É treinado para operar silenciosamente.

Tabela 6 (continuação): Especialização do Cão Militar, no Exército Português

Especialização do Cão Militar	
Cão de Sentinela	Opera sozinho numa área crítica. Serve para alertar possíveis intrusos nesse território.
Cão de Guarda	Opera com o seu tratador. Serve para causar impacto psicológico ou dissuadir a atividade criminosa. Pode ser solto da trela para capturar a ameaça.
Cão de Detecção	Trabalha em conjunto com o seu tratador. É utilizado para detetar um ou mais odores para os quais foi treinado. Serve para detetar estupefacientes ou explosivos. Pode ser usado com ou sem trela, dependendo da situação.
Cão de Busca e Salvamento	Serve para detetar pelo olfacto a presença de forças amigas em ambientes de catástrofe, acidentes ou atos terroristas.
Cão de Demonstração de Capacidades	Após a aposentação do cão de missões, este é utilizado com as suas capacidades para divulgar a capacidade cinotécnica da força armada, com o intuito de cativar voluntários.
Cão de Cinoterapia	É utilizado para trabalhar com pessoas com excessivo medo de cães, como terapia, ou até mesmo para estimular cognitivamente pessoas com deficiências.

Fonte: Elaboração própria

Após este resumo das funções dos cães militares no Exército Português, os cães que podem ser utilizados em CAU são os cães designados por Exploradores e os cães de Detecção, embora os cães Exploradores também tenham a capacidade para detetar minas e armadilhas, uma vez que neste tipo de combate o aparecimento de armadilhas e de novas situações como inundações, incêndios e a incerteza da localização do inimigo, devido à existência de população, tornam necessárias as capacidades olfativas dos cães para patrulhar a área e detetar ameaças.

Capítulo III – Obtenção e Treino dos cães: Técnicas e Táticas em CAU

3.1. As funções de combate no Combate em Áreas Urbanas

Antes de se entrar na temática do treino de cães e das técnicas e táticas incorporadas em CAU, é necessário compreender de que forma as funções de combate são influenciadas pelas operações em áreas urbanas.

Uma função de combate, de acordo com o Exército Português (2015, p. 2-24), é “um grupo de tarefas e sistemas (pessoas, organizações, informação e processos) unidos por uma finalidade comum que os comandantes aplicam para cumprir missões operacionais e de treino.”

As Informações fazem parte de uma das cinco funções de combate. Esta função de combate é fundamental para a realização do IPB, pois nela agrupam-se o conjunto de tarefas para compreender o ambiente operacional, o inimigo, o terreno e as circunstâncias de âmbito civil (Ibidem, 2012, p. 2-29).

Em áreas urbanas, devido à densidade dos edifícios e às características físicas das alterações feitas pelo homem, existem muitas oportunidades para o inimigo se esconder, e isso também cria dificuldades à deteção de assinaturas eletrónicas através de aparelhos eletrónicos. O inimigo que se encontra nestas áreas também utiliza métodos alternativos para comunicar entre si. Substituem os rádios pelas tradicionais redes de telefone fixo ou pela Internet local, o que torna mais difícil a sua interceção. Isto leva a uma degradação das capacidades de reconhecimento e de vigilância por parte das nossas forças (Headquarters, 2006, p. 4-1 e 4-2).

O Movimento e Manobra é composto pelas “tarefas e sistemas que movimentam forças para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo. Manobra é o emprego de forças através da combinação do fogo e movimento para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo” (Exército Português, 2012, p. 2-28).

A canalização e a compartimentação das forças em ruas nas áreas urbanas é um problema que um comandante tem de ter em consideração no CAU, tanto por uma força montada como uma força apeeda. Isto vai abrandar a progressão da tropa e dificultar o

comando e controlo da força, para além de aumentar exponencialmente a probabilidade de se ser emboscado.

“Both the physical terrain and the urban population provide threat cover and concealment (...) In offensive or defensive operations, enemy forces can remain undetected in buildings and in position to ambush Army forces.” (Headquarters, 2006, p. 4-6).

Por exemplo, a função de combate de Fogos é composta pelas “tarefas e sistemas que garantem o emprego de fogos indiretos (terrestres, navais e aéreos) de uma forma coletiva e coordenada através do processo de targeting.” (Exército Português, 2012, p. 2-30), ou seja, ocorre uma sincronização de fogos indiretos com as outras funções de combate.

Devido à dificuldade sentida de realizar reconhecimentos em áreas urbanas, torna-se difícil realizar a aquisição do alvo para a utilização de fogos indiretos, sem provocar danos colaterais (Headquarters, 2006, p. 4-8).

A função de Apoio de Serviços “relaciona as tarefas e sistemas que garantem o apoio de serviços assegurando liberdade de ação, extensão do alcance operacional e prolongando a resistência da unidade” (Exército Português, 2012, p. 2-31).

Em áreas urbanas, o comandante tem de ter presente de que forma pode usufruir das infraestruturas da cidade para conseguir fornecer o apoio certo, no devido lugar e na altura adequada. Ter o apoio da população dessa região é também uma chave fundamental para conseguir obter a sustentabilidade da força (Headquarters, 2006, p. 10-2).

Por último, o Comando e o Controlo é a função de combate que “desenvolve e integra todas as atividades que proporcionam ao comandante equilibrar a arte de comando e a ciência do controlo (...) necessidade dos comandantes compreenderem um ambiente caracterizado por dificuldades e complexidades” (Exército Português, 2012, p. 2-25).

Nesta parte, é importante para os oficiais subalternos entenderem os Procedimentos de Comando de forma aos seus comandantes conseguirem dar-lhes iniciativa e assim tornar o processo de decisão mais flexível. No CAU o Comando e Controlo aos mais altos níveis, torna-se difícil uma vez que o volume de informação é enorme e os incidentes que tendem a acontecer são em tempo real. Para além disso, a

compreensão das ROE (*Rules of Engagement*) por parte dos subalternos é fundamental, para que as ações tomadas de acordo com os Procedimentos de Comando e as ROE sejam sincronizadas com as intenções dos mais altos cargos militares durante a operação (Headquarters, 2006, p. 4-13).

Depois de mencionada a influência que o CAU tem nas funções de combate, será abordado de seguida o tipo de treino mais adequado para que um cão militar possa desempenhar ações neste combate.

3.2. A obtenção e o treino dos cães militares

3.2.1. A obtenção de cães militares

Antes de se abordar a problemática do treino dos cães, é necessário perceber de que forma são adquiridos os cães militares. Tanto no Exército Português como na Guarda Nacional Republicana, existem três métodos de obtenção de cães. Através da Aquisição, da Criação e por Doação (Exército Português, 2020, p. 2-3).

Quando os cães são obtidos por “Aquisição”, é formada uma comissão de remonta, com um responsável cinotécnico, um veterinário e um elemento com competência financeira para avaliar os cães, tendo por base o preço/qualidade, tendo sempre em conta três fatores: a idade do cão, a sua qualidade genética e a função que vai desempenhar (Ibidem, 2020, p. 2-3).

Se o cão é obtido por “Reprodução”, ou criação de cachorros, é feita uma seleção genética dos machos e fêmeas para tentar retirar da futura ninhada o máximo de bons cachorros possíveis para o serviço (Idem, 2020, p. 2-3).

Quando os cães são obtidos através de uma doação, deve ser efetuada uma avaliação como na comissão de remonta, só que neste caso só com um responsável cinotécnico e um veterinário qualificado (Exército Português, 2015, p. 2-2).

Os cães da Guarda Nacional Republicana homólogos aos cães Exploradores do Exército, são cães que podem vir a intervir em CAU e são designados por cães de Intervenção Tática. Estes cães são obtidos pela GNR normalmente por aquisição, com pelo menos um ano de idade e já com um trabalho de desenvolvimento de instintos. Isto é feito para que não haja o risco de o cão após a compra demonstrar que não tem as características essenciais para o serviço. Isso porque, se os cães forem adquiridos em cachorros, ou criados em ninhada internamente, nada garante que esses cães vão

desenvolver as características necessárias para o serviço enquanto cães de Intervenção Tática ou Exploradores. Ao fazer-se a aquisição dos cães com pelo menos um ano, através da compra, há a garantia por parte do criador, em conjunto com uma avaliação dos mesmos cães por parte de uma comissão de remonta da GNR, que esses cães têm o que é necessário para desempenhar as funções a que se destinam.³

No Exército, para que exista sempre efetivo suficiente de cães militares nos seus quadros orgânicos, é feita anualmente uma avaliação das necessidades de forma a que o ciclo operacional dos cães seja funcional. Assim, é da responsabilidade do Centro de Excelência Cinotécnico, fazer o levantamento dessas necessidades, que são maioritariamente colmatadas pelo método de aquisição e só em última instância se recorre à reprodução ou à doação (Exército Português, 2020, p. 2-1).

3.2.2. O treino dos cães militares

De acordo com o PDE 0-20-18 (Exército Português, 2020, p. 5-1) existem dois tipos de treino para os cães militares. O Treino Base e o Treino Específico.

No Treino Base, o cão é socializado de forma a adaptar-se ao seu grupo de trabalho, é treinado a obedecer ao seu condutor e a reconhecer os comandos básicos, para além de ser neste tipo de treino que o cão adquire a condição física necessária para desempenhar as futuras tarefas para que for nomeado.

No Treino Específico, o cão adquire as competências técnicas para desempenhar as missões para as quais foi nomeado.

Tendo em conta os tipos de cães que existem no Exército Português, os cães de ataque e os cães de deteção, o tipo de treino efetuado para cada um destes tipos é diferenciado.

Os cães de deteção são treinados entre os 4 e os 12 meses, logo que demonstrem capacidades olfativas e interesse na busca de itens. A este tipo de cão as funções mais associadas são de deteção de explosivos, de estupefacientes e de outros itens para os quais forem treinados.

Os cães de ataque são treinados a partir do 1º e 2º anos de idade. Esse treino inicia-se mal sejam adquiridos e o método de obtenção normalmente é o de aquisição, pelas

³ Ver apêndice C, questão nº 10.

razões referidas anteriormente. A este tipo de cão a função mais associada é a de cão de Exploração (Exército Português, 2015, p. 3-3).

Ambos os tipos de cães podem ser utilizados em CAU. Os instintos mais treinados e associados para o trabalho dos cães em CAU são: o instinto de caça e o instinto de presa.

O instinto de caça, se o cão for bem treinado, o condutor pode colocá-lo a rastrear áreas e compartimentos em busca de odor humano ou de alguma substância explosiva.⁴ Tanto para os cães de deteção como para os cães de ataque especialmente para os cães de Exploração, trabalhar este instinto é importante.

No CAU, o instinto de presa e o instinto de defesa podem ser trabalhados para o cão perseguir, capturar e imobilizar a ameaça se encontrada num compartimento.

Para tal, têm-se em consideração a vontade que o cão tem de seguir o seu dono. O cão tem de compreender que é benéfico para ele estar atento ao seu tratador. Assim, consegue-se obter cooperação e trabalho de equipa com o cão (Exército Português, 2020, p. 2-7).

Existem duas teorias capazes de explicar o método de ensino dos cães que se distinguem na tabela 6, tendo em conta o PDE 0-20-18 do Exército Português (2020).

Tabela 7: Teorias de Aprendizagem

Condicionamento Clássico	Condicionamento Operante
Método de aprendizagem: O cão responde a um estímulo, que normalmente para ele, tal estímulo não dispoletava qualquer tipo de resposta.	Método de aprendizagem: O cão aprende por consequências positivas ou negativas face a uma resposta desejada pelo condutor.

⁴ Ver apêndice C, questão nº 2.

Tabela 8 (continuação): Teorias de Aprendizagem

Condicionamento Clássico	Condicionamento Operante
<p>Conceitos básicos:</p> <p>-Estímulo Neutro: Estímulo que inicialmente não tem qualquer influência no comportamento do cão.</p> <p>-Estímulo Incondicionado: Estímulo que desencadeia um comportamento inconsciente no cão.</p> <p>-Resposta Incondicionada: Comportamento inconsciente provocado por um estímulo incondicionado.</p> <p>-Estímulo Condicionado: Estímulo Neutro, que após o treino, passou a provocar um comportamento inconsciente no cão, ou seja, uma resposta Incondicionada.</p> <p>-Resposta Condicionada: Comportamento inconsciente no cão provocado por um antigo estímulo neutro.</p>	<p>Conceitos básicos:</p> <p>Reforço Comportamental: Algo que aumente a frequência, a duração e a intensidade do comportamento desejado num cão. Pode ser reforço por adição, quando se dá algo ao cão que goste, ou por eliminação de alguma coisa que o cão não goste.</p> <p>Inibidor Comportamental: Algo que reduza a frequência, a duração e a intensidade de um comportamento do cão. Pode ser também por adição, quando se dá algo ao cão que ele não goste, ou por eliminação, quando se retira ao cão algo que ele goste.</p> <p>Nota: O sistema de reforço e inibidor tem de ter em conta o momento no qual o cão está a viver. Deve ser efetuado durante ou logo após a evidência do comportamento desejado. Dar de comida a um cão de barriga cheia, não será um reforço para um comportamento desejado.</p>

Tabela 9 (continuação): Teorias de Aprendizagem

Condicionamento Clássico	Condicionamento Operante
<p><u>Exemplo:</u></p> <p>Estímulo Neutro: Som de um sino.</p> <p>Estímulo Incondicionado: Taça de Comida.</p> <p>Resposta Incondicionada: Salivação quando a taça de comida aparece.</p> <p>Estímulo Condicionado: Som de um sino ao mesmo tempo que a taça de comida aparece, repetido várias vezes.</p> <p>Resposta Condicionada: Após o condicionamento, o som do sino sem a aparição da taça de comida provoca salivação no cão. O cão associou o som do sino à comida. Antigo estímulo neutro que provocou a reação desejada no cão.</p>	<p><u>Exemplo:</u></p> <p>Experiência: encontrar um item com odor humano.</p> <p>Associar o odor humano a uma consequência boa. Se o cão for em busca do mesmo, então será recompensado com um reforço de comida ou brinquedo.</p>

Fonte: Elaboração Própria

Resumindo as principais ideias da obra PDE 0-20-18 do Exército Português (2020), serão apresentados os seguintes aspectos em cada um dos parágrafos que se seguem.

No caso do Sistema de Reforços e Inibidores de comportamentos dos cães, o cão passa por três fases de aprendizagem: a 1ª fase chama-se de Aquisição, a 2ª fase chama-se de Aperfeiçoamento e a 3ª fase chama-se de Exigência. O número de reforços e inibidores dados aos cães dependem da fase de aprendizagem na qual o cão se encontra.

Na fase de Aquisição, é importante fazer com que o cão associe o reforço ao comportamento desejado, por isso reforça-se muitas vezes quando ele evidencia esse comportamento. Nesta fase ignoram-se os comportamentos indesejados.

Na fase de Aperfeiçoamento, os reforços são só usados para refinar o comportamento evidenciado. É nesta fase que se introduzem também algumas distrações e outras circunstâncias para o cão começar a adaptar-se a outras situações que possam interferir com a sua tarefa. Nesta fase, ainda, começa-se a introduzir os inibidores de comportamentos que não aquele desejado pelo tratador.

Na fase de Exigência, o comportamento esperado deve ser evidenciado de forma sistemática. Caso isso não ocorra, deve-se usar os dois tipos de inibidores para castigar o cão caso este demonstre comportamentos inapropriados.

Depois de se demonstrar as várias fases de aprendizagem, é necessário perceber-se também que esta pode ser feita de duas formas no Condicionamento Operante.

Assim, as duas grandes formas de aprendizagem são: a Autoaprendizagem e a Aprendizagem Dirigida.

Relativamente à autoaprendizagem, é o cão que tem a iniciativa. Esta aprendizagem pode ser feita através de uma observação do comportamento desejado executado por outro cão e assim por imitação, o cão desenvolve o mesmo comportamento. A este processo dá-se o nome de aprendizagem social. Para além da aprendizagem social, também pode aprender sendo recompensado quando mostra de forma aleatória o comportamento desejado. A este processo dá-se o nome de Captura, no qual o tratador está atento quando o cão demonstra esse tipo de comportamento, para quando o fizer, ser recompensado. O outro processo de autoaprendizagem do cão é através da Modelagem, no qual o cão é sistematicamente recompensado pelo comportamento demonstrado.

No que se refere à aprendizagem dirigida, esta consiste na iniciativa do tratador para despoletar o processo. Este tipo de aprendizagem também se subdivide em três tipos: o Aliciamento, no qual se alicia o cão com brinquedos ou algum tipo de objeto que goste para este fazer o comportamento desejado pelo tratador, o Incitamento, no qual através de um sinal ou uma pequena demonstração física, o cão é incitado a fazer o comportamento desejado pelo tratador, para depois ser reforçado, e por fim o processo de Apontar, no qual o tratador indica de forma clara e precisa o que pretende que o cão faça.

Durante todo o processo de aprendizagem é fundamental que os sinais articulados sejam perceptíveis e claros de forma ao cão associar facilmente o que o tratador pretende e não gerar confusões no futuro, quando estiver num teatro de operações.

3.3. As Técnicas e as Táticas utilizadas com o Binómio em CAU. O binómio nas equipas de limpeza.

Neste ponto referem-se as técnicas utilizadas pelo Exército e por outras organizações nacionais e internacionais quando se utilizam os binómios em CAU. Com isto, pretende-se comparar as diferentes técnicas e verificar quais serão as melhores para a rentabilidade do binómio neste tipo de combate.

De acordo com o Exército Francês, no manual *Ecole de L'Infanterie* (2015), o binómio é uma mais-valia para as equipas de limpeza e pode desempenhar tarefas como detetar, neutralizar e segurar. No Exército Francês, o uso dos cães é mais frequente em ambientes escuros e confinados, como por exemplo, caves, túneis, adegas, corredores, escadas, etc. Tudo situações críticas no CAU e que com o uso do cão fornece mais segurança às equipas de limpeza.

No CAU, os franceses utilizam uma secção a sete elementos, composta por duas esquadras, sendo que entre elas vai o Comandante de Secção. Esta secção ao ser reforçada com um binómio, faz com que a sua posição varie consoante a situação existente. No caso de progressão nas ruas, a secção é distribuída da seguinte forma: em primeiro lugar à frente vai a primeira esquadra, composta a três elementos, depois vai o comandante de secção e com ele o binómio, caso necessite da sua assistência, e por fim, na retaguarda, vai a segunda esquadra, também composta a três elementos. Ao entrar num edifício, o binómio encontra-se logo atrás da primeira esquadra para caso seja lançado já está mais à frente no dispositivo. Neste momento, o cão pode já estar a cheirar e a explorar a entrada do edifício em busca de armadilhas e explosivos improvisados (*Ecole de L'Infanterie*, 2015, p. 265).

Na tabela 7 resumem-se as ações desempenhadas pelo binómio no Exército Francês constantes em *Ecole de L'Infanterie*, (2015).

Tabela 10: Tarefas que o binómio desempenha no Exército Francês em CAU

Antes da Ação/Aproximação ao Objetivo	Durante a Ação/Limpeza de Compartimentos	Depois da Ação/Consolidação e Reorganização
Tarefas do Binómio: Cobertura e proteção dos arredores.	Tarefas do Binómio: Deteção de explosivos e neutralização do inimigo. Cobrir o avanço das equipas de limpeza. Defender uma posição.	Tarefas do Binómio: Participar no reconhecimento em busca de explosivos, material de guerra e até prisioneiros de guerra.

Fonte: Elaboração Própria

Nos seguintes parágrafos serão resumidos os tópicos principais do manual Ecole de L'Infanterie (2015, p. 265 a 271).

Na entrada num compartimento, o condutor e o cão posicionam-se entre a parede e o 1º elemento no dispositivo, junto à porta. O condutor enuncia que vai lançar o cão para dentro do compartimento. Após o lançamento do cão, o condutor, que é o único elemento que está a observar para dentro do compartimento, lê a reação do cão entre 5 a 10 segundos e relata ao comandante de secção a existência ou não do inimigo. Enquanto isso, a equipa de limpeza pronta para entrar, está a aguardar pela decisão do comandante de secção. À ordem do comandante de Secção, entra a equipa de limpeza e logo de seguida entra o condutor do cão. Se o compartimento estiver limpo, o cão é chamado de volta para junto do seu condutor.

Se se espera a presença do inimigo, ao se escolher uma entrada furtiva no compartimento, deve lançar-se uma granada *flash bang* para dentro do compartimento. Logo imediatamente após a explosão o cão é lançado para dentro do mesmo seguido pela equipa de limpeza e pelo seu condutor. O comandante de secção fica a aguardar pelo relato.

Os elementos das equipas de limpeza, ao entrarem dentro do compartimento, focam-se no seu setor sem se cruzarem com o setor do cão, de forma a detetarem outros

perigos. De seguida, entra o condutor. Quando o cão neutraliza o inimigo, o condutor, pode abrir fogo caso seja necessário.

Após a neutralização, o condutor, chama o cão para perto de si, enquanto outro elemento monta segurança ao prisioneiro e escolta-o.

Na Guarda Nacional Republicana, na progressão entre edifícios, o binómio vai em penúltimo lugar. Isto num cenário onde se sabe onde está o inimigo. Quando não sabem a localização do inimigo e existe o risco de serem surpreendidos, então utilizam o binómio em terceiro lugar junto do chefe de equipa e afastados das paredes, para que o cão possa estar atento à área em questão. Já na limpeza de compartimentos, lança-se primeiro o cão e após este fazer uma revista, é que entra a equipa de limpeza que faz uma revista sumária. Se o cão neutralizar o inimigo, então este é escoltado e feito prisioneiro.⁵

Os franceses apesar de acreditarem na mais valia do uso dos cães neste tipo de combate, também apresentam algumas desvantagens que devem ser tidas em consideração para que se possa tentar melhorá-las no futuro.

As desvantagens que referem são: a dificuldade de diferenciar as forças amigas das forças inimigas e até mesmo entre o inimigo e os reféns, a possibilidade de existir mordidas colaterais, quando o cão não está bem integrado na equipa em que está inserido e a velocidade que o cão fornece na limpeza dos compartimentos, faz com que por vezes a segurança seja desconsiderada. Esta última situação é crítica em casos em que pode existir mais do que um inimigo no edifício (Ecole de L'Infanterie, 2015, p. 265).

⁵ Ver o apêndice C, as questões nº 17 e nº18.

IV – Análise de Resultados

4.1. Enquadramento

Para se atingirem os objetivos propostos nesta dissertação, foram realizadas várias entrevistas, de forma a responder às questões derivadas anteriormente enunciadas e por conseguinte à questão central deste trabalho: “Qual é a importância da Cinotecnia no Combate em Áreas Urbanizadas no século XXI, no Exército Português?”.

Aquando da realização das entrevistas, para além dos apontamentos que foram sendo tirados de forma a identificar as palavras-chave dos assuntos em questão, também foi solicitada e permitida a gravação em áudio, com o intuito de posteriormente se transcrever na íntegra toda a informação de forma a não se perder nenhuma ideia. Tudo isto tem, com objetivo último, complementar a pesquisa documental, e proceder a uma avaliação objetiva dos dados recolhidos.

4.2. Análise das Entrevistas

Após o apontamento integral das entrevistas, foram estabelecidos critérios de avaliação dos dados recolhidos para que da informação adquirida, se resumissem aos dados pertinentes para esta investigação e assim dar resposta aos objetivos específicos do trabalho. Dessa avaliação de dados, criaram-se tabelas com excertos, de forma a consolidar as respostas obtidas.

As entrevistas foram feitas a indivíduos da Guarda Nacional Republicana pertencentes à Equipa de Binómios de Intervenção Tática, da Companhia de Intervenção Cinotécnica, do Grupo de Intervenção Cinotécnico, uma vez que os cães de intervenção tática são os que mais se assemelham aos cães de exploração do Exército Português, com o intuito de absorver ao máximo a doutrina nacional de outra organização que tem uma subunidade específica para treinar cães capazes de serem utilizados em ambiente urbano.

Ainda, e para também se obterem dados de organizações europeias, realizaram-se entrevistas a indivíduos possuidores da certificação *European Frontex Canine Team Instructor*, atribuído pela Agência Europeia de Guarda de Fronteiras e Costeira (Frontex), pertencentes a *Law Enforcement Agencies* da Filândia, Estónia, Letónia e Áustria e que estiveram numa sessão de certificação, no Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR em

Queluz, de 10 a 13 de março de 2020, para se perceber como é que outras organizações internacionais trabalham com os cães e se os utilizam para o CAU.

A seleção dos entrevistados teve a ver com a disponibilidade dos mesmos e com a compatibilidade que tinham face à situação de pandemia que se vive durante esta investigação. Apesar desse contratempo, conseguiram-se fazer as entrevistas a indivíduos nacionais e de diferentes organizações e ainda a indivíduos de organizações europeias, o que era um dos principais objetivos deste trabalho, para se poderem compilar dados não só de organizações nacionais, mas também de organizações europeias.

Na análise dos dados obtidos, recorre-se ao auxílio quadros⁶, apresentando as respostas de acordo com as questões e o grupo ao qual foram dirigidas. Numa primeira fase, os dados serão apresentados seguindo a ordem do guião utilizado, e numa segunda fase, serão cruzados com os objetivos da investigação.

4.2.1. Análise de Entrevistas – Guião de Entrevistas ao Grupo A

Neste subcapítulo, serão apresentados os resultados das entrevistas feitas aos indivíduos constituintes do grupo A, ou seja, pertencentes à Equipa de Binómios de Intervenção Tática do Grupo de Intervenção Cinotécnico, seguindo o guião de entrevista no apêndice C.

Relativamente à questão nº 1: **“Quais são as tarefas que o binómio desempenha na sua organização?”**, todos os indivíduos que responderam à pergunta referiram que os cães são utilizados para varrimento de grandes áreas, para identificar indivíduos perigosos e objetos com odor humano, para detetar explosivos e ainda para morder em caso de necessidade. O indivíduo A5 ainda referiu que estes cães podem ser utilizados em CAU e que países como os Estados Unidos da América e a França por exemplo, utilizam uma combinação militar no binómio que pode ser muito eficiente no CAU, que é a conjugação entre a capacidade de deteção de explosivos com a capacidade de um cão para morder. Quando o cão obtém a capacidade para morder, já adquiriu uma das mais críticas tarefas para se tornar um cão completo, adicionar a capacidade para detetar explosivos é só uma questão de treino. Estes cães têm como principal função encontrar e neutralizar o inimigo.

À pergunta **“Em que situações é que na sua organização o cão é mais empenhado, no uso da força?” (questão nº2)**, as respostas obtidas referiam-se a

⁶ Ver Apêndice C e D.

situações em que o cão era utilizado como uma arma não letal, no qual o uso da força era empregado quase sempre em situações limite. Foram dados como exemplos o seu uso em busca de indivíduos evadidos e em situações de forças combinadas em incidentes tático-policiais.

Relativamente à questão nº 3: **“Com que idade é que o cão começa a ser treinado?”**, as respostas centraram-se no caso do treino base, na socialização, no treino ambiental, entre outros. Foi referido que isso pode ser feito já com cachorros de 7 semanas, uma vez que quanto mais jovens são, mais fácil é de ensiná-los, de negociar comida ou brinquedos com eles. Contudo, a respeito do treino de um cão de Intervenção Tática, ou seja, o treino específico, foi referido que deve iniciar-se quando o cão tem sensivelmente 1 ano.

As respostas à questão nº 4: **“Para si, é preferível um cão focado só numa função, ou um cão capaz de executar mais do que uma função?”**, foram diferenciadas, contudo a maioria dos entrevistados referiu que os cães utilizados em CAU devem ser *dual purpose*, chamando à atenção para conjugação de tarefas que é feita. Um cão utilizado em CAU deve ser capaz de detetar explosivos, para que aquando de um varrimento de compartimentos para detetar odor humano, o mesmo cão também varra o compartimento em busca de armadilhas e explosivos, para não se utilizarem dois cães em duas tarefas distintas. Foi referido ainda que o único problema que pode advir dos cães que desempenham mais do que uma função resulta de incongruências de treino.

Relativamente à questão nº 5: **“Normalmente, quanto tempo dura no mínimo o processo de aprendizagem para um cão capaz de desempenhar várias tarefas?”**, houve indivíduos que defenderam que os cães nunca estão totalmente preparados, que é um processo constante de aprendizagem, todavia, percebeu-se que com alguma facilidade consegue-se colocar um cão que tenha um ano ou um ano e meio de vida, apto para o serviço. Contudo o aconselhável é pelo menos ter um ano de trabalho focado nas tarefas que vai desempenhar. Tudo isto se se possuir um cão maduro para se conseguir treiná-lo.

Relativamente à questão nº 6: **“Que tipo de treino é que é feito para um cão?”**, obteve-se a referência a um conjunto de treinos que são feitos a um cão para se tornar operacional. No treino base é importante a criação de laços entre o tratador e o cão, de forma a criar confiança e cooperação entre ambos, assim obtêm-se o máximo rendimento do binómio, quando ambos estão ligados emocionalmente. Outra parte fundamental é o

treino de obediência, para o condutor conseguir controlar o cão, a socialização e o enriquecimento ambiental. Só depois de ligados emocionalmente e trabalhada a obediência é que se faz o treino específico, que consiste no treino das mordidas em diferentes ângulos e contextos, depois do cão mudar os dentes, ou seja, na adaptação da mordida do cão em superfícies e espaços com estímulos diferentes (pisos, sons, luminosidade, entre outros) e na condição física do cão. Também se treina a gestão de stress do cão.

As respostas à questão nº 7: **“Mediante, determinadas condições climatéricas, é necessário treino específico? Se sim, o que tem de ser feito para facilitar a adaptação do cão?”**, são muito distintas. O objetivo da questão era tentar perceber se os cães em Forças Nacionais Destacadas devem fazer algum tipo de treino de adaptação para se conseguir otimizar o seu rendimento. Conclui-se das respostas a esta questão que os cães devem treinar todos os dias em qualquer tipo de situação e condições, para o deixar à vontade em qualquer tipo de ambiente e permitir a sua adaptação. Também, que a condição física do cão é essencial para a sua adaptação a condições climatéricas extremas, contudo o cão tende a trabalhar melhor em ambientes frios. Assim, o cão tem de conhecer primeiro o ambiente onde se encontra para depois conseguir desempenhar a sua função. Convém dar tempo ao cão para se habituar aos odores predominantes de uma determinada zona.

Relativamente à questão nº 8: **“Os cães de Intervenção Tática têm capacidade para entrar em silêncio? Se sim, a sua aprendizagem é um processo complexo?”**, houve alguma discordância, contudo, na sua maioria defendeu-se que treiná-los para se manter em silêncio é uma questão de habituação e de treino. Esta questão foi elaborada, para se perceber se para utilizar cães em CAU, se mantê-los em silêncio seria uma dificuldade no treino e no empenhamento desses cães.

Relativamente à pergunta nº 9: **“Quais são as formas de haver cães disponíveis? Como é que a organização obtém os cães para treinar?”**, todas as respostas foram unânimes. Para a Guarda Nacional Republicana há três formas de se obter os cães: por aquisição, por criação/ninhada e por doação. O método mais rentável e eficaz que foi referido para obter cães que vão ser utilizados em CAU é por aquisição. A razão pela qual é preferível a aquisição aos outros métodos é que se podem testar os cães. Esses cães são criados por empresas com o objetivo de haver um treino de base e fomentar nos animais

às características necessárias para diversas tarefas. Então, na Aquisição, após se fazerem os testes aos cães e de se verificar quais são os que têm as características necessárias, os mesmos são adquiridos. O risco de se obter um cão incapaz de desempenhar as funções para as quais se destina é quase nulo. Isto, ao contrário da criação, uma vez que numa ninhada tanto se pode aproveitar todos os cachorros, como nenhum. Caso nenhum dos cachorros venha a mostrar boas características para se tornarem cães de Intervenção Tática perde-se muito tempo que pode ser precioso. Esta pergunta foi elaborada para se perceber qual é o método mais adequado para adquirir cães capazes de serem utilizados em CAU.

À pergunta **“Se o tratador for transferido, o cão é dado a outro tratador?” (questão 10)**, as respostas recolhidas foram idênticas. Os cães, se o tratador for transferido para uma unidade que não seja de cinotecnia, são primeiramente distribuídos a outro tratador que dele necessite e por último caso não haja essa necessidade imediata são entregues a uma equipa de formação contínua que trata de cães com comportamentos indesejados e de cães que aguardam tratador, até se encontrar um tratador adequado. Esta pergunta foi feita com o objetivo de se perceber se este tipo de cão após perca de um condutor é reutilizado ou não.

Relativamente à questão nº 11: **“Na sua opinião, o treino de um binómio é dispendioso?”**, as respostas obtidas permitiram perceber que o treino de um binómio é dispendioso, mas que apesar de poder ser considerado caro, não se compara com o dinheiro gasto em novos equipamentos, que não podem nem têm as capacidades que um cão tem. Um cão é capaz de com o nariz fazer coisas que nenhum soldado era capaz de fazer, é capaz de ser mais rápido e imobilizar alguém depressa, para além do impacto psicológico que o cão provoca no inimigo quando é utilizado. Esta pergunta foi elaborada com o intuito de se perceber se o treino do binómio para a utilização do CAU é caro para a organização e se mesmo assim, vale a pena o seu uso.

Na questão nº 12: **“Qual é a raça ou tipo de cão mais eficiente no Combate em Áreas Urbanas?”**, todas as respostas coincidiram numa raça, o Pastor Belga Malinois, como sendo o cão mais eficiente para o CAU. Todavia, o Pastor Alemão também é capaz de desempenhar bem a função.

Relativamente à questão nº 13: **“Quais são as melhores características do cão para o CAU?”**, as características evidenciadas foram: o cão ser ágil, ser equilibrado

mentalmente, que pese entre os 30 kg e os 35 kg, com os instintos bem definidos e ter uma mordida forte, para além de uma presa acima da média. Referiram também, que um cão equilibrado, bem socializado é um cão que serve para tudo o que seja adaptações e funções. O cão que morde tudo o que vê, não é um bom cão para o CAU, pois é como se tivéssemos “uma arma que dispara em qualquer direção”.

A respeito da questão nº 14: **“Quais foram as dificuldades sentidas em CAU, durante toda a sua experiência profissional? Acha que o cão poderia colmatar algumas dessas dificuldades?”**, as dificuldades referidas foram a de levar o cão em total silêncio, ou o facto de existir algum obstáculo como uma porta fechada que impeça o cão de capturar o inimigo. Esta questão também tinha a ver com a utilização do cão em CAU. As dificuldades sentidas durante o CAU e que o cão poderá colmatar foram a procura de explosivos e a existência de um atirador furtivo barricado na área. Nestas situações a utilização de cães é uma mais-valia. Ainda foi levantado o problema de com a utilização do cão, este ficar demasiado exposto e que não há forma de garantir minimamente a sua segurança na maioria dos casos em que é utilizado.

Relativamente à questão nº 15: **“Existe dificuldade em integrar o binómio nas forças de intervenção ou numa força multinacional?”**, nesta questão as dificuldades que foram levantadas tiveram mais a ver com a adaptação dos soldados da força de intervenção ou da força multinacional de trabalhar com os cães, do que propriamente o cão no binómio. Alguns tinham medo dos cães, o que dificulta em muito o uso de cães numa força destas. Relativamente às dificuldades do binómio em se integrar, a maioria dos entrevistados fala que as dificuldades sentidas tiveram que ver com o facto do condutor não se comportar como nos treinos, do que propriamente com o cão em si. Quando o condutor se mostra desconfortável, o cão também não fica à vontade. Todavia as dificuldades sentidas foram sempre provocadas pelos humanos. Os cães integram-se nas equipas desde que sejam contextualizados. Esta pergunta foi elaborada para perceber se existia alguma dificuldade na integração do binómio caso este faça parte de uma Força Nacional Destacada (FND).

Tendo em conta a questão nº 16: **“Como Norma de Execução Permanente no CAU, onde vai o binómio durante a progressão entre edifícios? Porquê?”** responderam se a equipa está em progressão normal, numa área circunscrita em que se sabe que só existe a ameaça, então o binómio vai em penúltimo. Caso se esteja a atuar

numa zona na qual a localização da ameaça é desconhecida e há a possibilidade de existirem reféns ou inocentes, então o binómio terá de ir mais perto do chefe de equipa (terceiro elemento), caso seja preciso atuar. Afirmaram que o binómio nunca deve de ir encostado às paredes, deve ir sempre do lado de fora para estar atento a qualquer coisa que possa acontecer. Já perto do edifício onde está a ameaça, o binómio vai em terceiro. A disposição usual é: vai um homem à frente como escudo, depois um segundo homem e em terceiro lugar, vai o binómio. Esta questão foi elaborada para se poder comparar a doutrina e as técnicas utilizadas por outras organizações e perceber quais as melhores formas de utilizar os cães em CAU.

À questão nº 17: **“Como Norma de Execução Permanente em limpeza de compartimentos, quais são as situações nas quais o cão entra em primeiro? E as outras situações em que o cão não entra em primeiro?”**, as respostas foram assimiladas como de que forma é que as equipas se organizam com o binómio na limpeza dos compartimentos. Os entrevistados referem que, na limpeza dos compartimentos, o cão está sempre em 2ª posição com o elemento da brecha à frente. Após aberta a brecha para as equipas entrarem, o cão é lançado e faz a revista aos compartimentos, sozinho. Após a revista do cão, entram as equipas de limpeza que fazem uma revista mais sumária. Dá-se sempre a primazia ao cão aquando da revista dos compartimentos. Quando o cão não está a ser utilizado, este mantém-se sempre junto ao tratador. Esta questão foi feita com o mesmo intuito da questão anterior, ou seja, para se perceber as técnicas utilizadas por outras organizações, neste caso a GNR, de forma a se perceber as vantagens de utilizar o cão em CAU.

Relativamente à questão nº 18: **“Nos esgotos de cidade, em combate subterrâneo, os cães podem ter alguma utilidade?”**, as respostas foram unânimes. A eficiência do cão neste tipo de combate é enorme. Não só pelo impacto psicológico que causava ao inimigo, de saber que existiam cães nos túneis à sua procura, mas também porque em luminosidade reduzida e num ambiente fresco e húmido, o trabalho do cão em encontrar o odor da ameaça é ainda mais proeficiente e preciso. Para além desses animais de terem outra sensibilidade ao ruído e à falta de luz do que os seres humanos.

Tendo em conta a questão nº 19: **“As equipas de Prisioneiros de Guerra e de Busca e Material no CAU, beneficiariam da utilização de binómios? Se sim, porquê?”**, as respostas foram quase todas concordantes com a ideia de que o binómio

seria uma mais valia para o complemento do trabalho destas equipas. O cão tem a capacidade para reconhecer milhares de odores, desde que seja treinado para tal e, portanto, se fosse treinado para reconhecer material de guerra, a pólvora ou o lítio, também seriam capazes de detetá-los. Com a capacidade de encontrar odor humano, e de manter a guarda, o cão também ajudaria imenso em encontrar prisioneiros de guerra e em mantê-los em guarda. Esta pergunta foi elaborada para vincar a importância dos cães e no seu empenhamento em CAU.

Relativamente à questão nº 20: **“Quais foram as lições aprendidas por si, ao longo da sua carreira e no trabalho com os cães?”**, foram vários os indivíduos que referiram situações marcantes. A 1ª situação referida ocorreu em Pinhal Novo, numa operação na qual morreu um cão e outro ficou ferido, para além de um guarda da GNR, que também morreu. Nessa situação, percebeu-se que se se tivessem levado mais cães para a operação, nada daquilo teria acontecido. A partir daí, no lugar de levar somente dois cães para a operação, passou-se a levar quatro cães para as operações. A 2ª situação referida ocorreu num armazém, no qual um indivíduo se barricou. Nesta situação, o cão ferido em Pinhal Novo, foi novamente utilizado. Após muito tempo em espera para atuar, quando o cão atuou, permaneceu imóvel a olhar para o inimigo e a ladrar para ele e não lhe mordeu. O indivíduo permaneceu impávido e sereno a olhar para o cão. Desta situação retirou-se que um cão nunca deve ficar muito tempo à espera para entrar em ação. Caso seja necessário deve-se trocar de cães. É necessário gerir melhor o stress dos cães. Ainda desta situação, também se conclui que se deve avaliar se a reabilitação do cão foi bem-sucedida.

Uma 3ª situação foi relatada com tendo ocorrido na Lourinhã, onde o cão ao varrer os compartimentos, encontrou a ameaça morta num deles e não o marcou, acabando por o ignorar. Só quando a equipa de limpeza fez a revista sumária é que encontrou a ameaça morta. Tem de se treinar o cão para situações destas, de forma a que o cão marque e avise de alguma forma que a ameaça morreu. Ainda relativamente a esta situação, concluiu-se que se deve incorporar no treino tudo o que possa fazer confusão a um cão, num dado compartimento. Neste caso da Lourinhã, o cão assustou-se com os cortinados da porta, pela qual teve de passar para varrer os compartimentos. Outras lições aprendidas que foram salientadas foram: os cães funcionam como uma distração para o inimigo, são mais rápidos que os humanos na exploração dos compartimentos e que as equipas de limpeza

de compartimentos ficam mais confiantes nas suas funções quando se utilizam os binómios para os ajudar nesse trabalho. Ainda se percebeu das respostas que é fundamental para a ligação entre o pessoal das forças especiais e o pessoal cinotécnico que os treinos sejam contínuos para que assim se criarem confiança entre os militares e os cães. Isto para além da necessidade de que as forças especiais e as equipas cinotécnicas devem estar no mesmo quartel. Por último, é de referir que nas equipas de limpeza de compartimentos, não pode existir elementos com medo de cães, pois caso isso aconteça, esses elementos vão estar mais preocupados com os cães que vieram para os ajudar do que com a ameaça que os pode matar.

Nas respostas à questão nº 21: **“Quais são as vantagens e as desvantagens da utilização do binómio em CAU?”**, foi referido que as vantagens obtidas foram: com a utilização dos cães poupam-se vidas humanas, para além do benefício de o cão poder ser usado como uma arma não letal, uma grande alternativa quando em caso das ROE não permitirem o uso da força na sua totalidade. Também foi referido que, com a sua capacidade olfativa, o cão é capaz de encontrar o odor da ameaça, funcionando como um radar. Se o tratador conseguir ler a linguagem corporal do cão, este consegue aperceber-se se estamos a aproximar-nos da ameaça. Com a utilização dos cães na revista em compartimentos, os elementos das equipas de limpeza sentem-se mais confiantes. Resumindo, o cão consegue cheirar o inimigo, vê-lo em situações nas quais até os soldados com aparelhos de visão noturna não conseguem detetar e isto faz com que dê mais velocidade à limpeza dos compartimentos e seja mais eficiente e em certas ocasiões. O cão pode ser visto até como uma distração para a ameaça para depois a equipa de limpeza a capturar ou abater. As principais desvantagens da utilização dos cães são: o seu transporte para a área de operação, a possibilidade de um cão mal treinado não se manter em silêncio fazendo com que a equipa seja detetada pelo inimigo e em caso de o cão encontrar obstáculos como uma porta fechada, não conseguir desempenhar a sua função. Uma das grandes desvantagens da utilização dos cães em CAU é que em certos países, não é aceite a utilização de cães por questões culturais.

A última que foi colocada (questão nº 22) era a seguinte **“Quais são as dificuldades sentidas durante o treino do binómio?”**. As dificuldades mais apontadas tiveram a ver com o treino dos cães. A dificuldade em criar cenários reais com os quais o binómio se vai deparar. Uma das mais difíceis evidenciada, foi que numa casa, existem

vários odores uma vez que há lá vários indivíduos e diferentes itens que podem confundir o cão. No treino em edifícios de CAU, não existem esses odores o que dificulta a criação de cenários reais. Tudo o que possa confundir um cão deve ser introduzido no treino para que ele se habitue. Outra dificuldade levantada foi o facto de o pessoal que treina os cães poder não ter noção das técnicas de limpeza de compartimentos e só durante a preparação para a ação lhes serem dadas algumas noções.

De seguida vão ser apresentados os resultados das entrevistas efetuados ao grupo B.

4.2.2. Análise de Entrevistas – Guião de Entrevistas ao Grupo B

Neste subcapítulo, serão apresentados os resultados das entrevistas feitas aos indivíduos constituintes do grupo B, ou seja, pertencentes a diferentes organizações de diferentes países europeus, como a Finlândia, a Estónia, a Letónia e a Áustria, seguindo o guião de entrevista no apêndice D.

No que concerne à pergunta nº 1: **“What are service dogs’ tasks in your unit?”**, os filandeses referiram que os cães são utilizados em áreas rurais, urbanas e em subterrâneos. Os cães de Intervenção Tática, os que mais se assemelham aos cães de Exploração do Exército e que são utilizados em CAU, são utilizados para rastrear e deter o inimigo. Na Áustria, os cães são utilizados para a busca de indivíduos em edifícios, em áreas abertas e para fornecer proteção à força em diferentes circunstâncias. Na Letónia, usam-se os cães de patrulha, os de deteção de drogas, de Busca e Salvamento e os cães de Intervenção Tática. Por fim, na Estónia, um terço dos cães são cães de deteção de drogas e de explosivos, contudo os cães de patrulha são capazes de também detetar itens. São assim cães *multi task*, com mais do que uma tarefa. Esta pergunta foi feita para se perceber como alguns dos outros países europeus tiram o rendimento dos seus cães.

No que diz respeito à 2ª questão: **“What are the situations that service dogs are used the most in use of force?”**, as situações referidas, em que os cães são mais utilizados são: rastreamento de áreas, na procura de pessoas em edifícios, na ajuda em deter a ameaça e ainda para detetar explosivos e drogas.

Relativamente à pergunta nº 3: **“In your opinion, we must have a single purpose dog or a dual purpose dog?”**, na opinião do finlandês entrevistado ainda estão a testar e a tentar descobrir se os cães de multitarefas são benéficos ou não para o serviço, mas no

que concerne aos cães de detecção de explosivos, defende que estes devem ser somente focados nessa tarefa. Relativamente à Áustria, foi tomada a decisão de que não devem usar cães multifacetados. Devem usar só cães focados numa tarefa. Na Letónia os cães de Intervenção Tática desempenham várias tarefas. Para eles é normal. Por fim, na opinião do entrevistado da Estónia, ele crê que a utilização de um cão que desempenha várias tarefas normalmente é feita por condutores já com mais experiência, ao invés dos condutores mais jovens, que costumam escolher cães que desempenham somente uma função. Esta questão foi elaborada para se perceber se na Europa se utilizam cães multifacetados ou treinados só para desempenhar uma função, para assim se perceber se seria benéfico treinar cães para CAU com um ou mais propósitos.

A respeito da questão nº 4: **“What is the best dog breed for intervention service dog?”**, todos entrevistados responderam que o Pastor Belga Malinois é a raça que mais se adequa. Vários ainda afirmaram que testes foram feitos e que o Malinois foi a raça de cão que mais se adequou, devido à sua velocidade, à sua saúde, à sua esperteza e ainda porque é a raça de cão que melhor se adapta no caso de ser utilizada como cão com várias funções, capaz de desempenhar múltiplas tarefas. Para além de, devido à sua herança genética, ser a raça mais capaz de entrar em ação de forma silenciosa. Afirmaram ainda que, para além dos Pastor Belgas Malinois, tudo o que for cruzamentos destes Malinois com os Pastores Alemães e até mesmo a utilização de Pastores Alemães, é rentável para o tipo de combate em áreas urbanas.

Relativamente à questão nº 5: **“How old are puppies, when ready to train as service dogs?”**, na Finlândia compram-se os cachorros e são criados junto da equipa na qual vão trabalhar, para que quando se começarem os treinos, estes já reconheçam os seus camaradas. Os cachorros são adquiridos com 8 semanas e o treino é feito a partir daí. Na Áustria, os cachorros são comprados e entregues aos seus condutores para depois os treinos começarem quando os cachorros tiverem 6 meses. Na Letónia, os cães são treinados com um ano de idade. Na Estónia, o treino base é feito de forma imediata, mal se adquirem os cães, quer eles tenham somente semanas ou meses. Contudo não se pode adquirir cachorros com menos de 7 semanas. A especialização neste país é feita quando o cão tem um a um ano e meio.

No que concerne à questão nº 6: **“As a standard, how much time does a dog needs to train to able for the service?”**, respondeu-se que na Finlândia, se os cães forem

adquiridos enquanto cachorros, então o treino para um cão de intervenção tática é no mínimo de 3 anos. Na Áustria, o treino base tem cerca de 544 horas e está dividido em 3 módulos. A duração da especialização é feita consoante o tipo da própria especialização. Se for de deteção de explosivos, então têm a duração de 10 semanas. Se for a pesquisa de cadáveres e de sangue, para além do odor humano, então tem uma duração de 12 semanas. Na Áustria os cães de intervenção tática se forem adquiridos enquanto cachorros, então crescem com o seu condutor e os elementos das equipas de intervenção, para se integrarem com eles. Na Letónia se o tratador adquirir o cão enquanto cachorro, então precisa de 20 meses de treino para estar operacional. Quando o cão tem 15 meses de idade, ou seja, aproximadamente um ano e meio de idade, aí inicia-se o treino para a especialização. Se a especialização for de Intervenção Tática/cão de Exploração, então, o treino leva cerca de 9 semanas. Na Estónia, o cão para ser bem treinado em qualquer tipo de ambiente e condições climatéricas, o tempo de serviço do cão começa a contar ainda quando este está em treino. Esta questão foi elaborada com o intuito de se perceber se existe alguma constância no treino de cães utilizados em CAU nos diferentes países em questão. Neste caso, todos os entrevistados refeririam que primeiramente é feito um treino base, que pode ocorrer ainda quando se é cachorro e depois após um ano, ou um ano e meio de idade. Nessa fase começa-se com as especialidades. Ainda se percebe que no caso de Intervenção Tática, a duração adequada ronda as 9 a 10 semanas.

A respeito à questão nº 7: **“As adapting to different climate conditions, it’s needed a specific training? What do you do?”**, apesar de se treinarem os cães em todo o tipo de condições climatéricas e ambientais, é importante para se conseguir tirar o melhor rendimento do cão, que se lhe dê algum tempo para se habituar ao novo terreno e aos novos odores. Fazer alguns exercícios básicos com ele, como passear ou simplesmente deixá-lo explorar o terreno é importante.

No que concerne à questão nº 8: **“What are your unit possibilities to have a new dog for the service?”**, todos os entrevistados referiram que comprar os cães é uma opção melhor do que a doação e até a criação de cachorros. Uma vez que com o dinheiro e os testes que são efetuados antes de adquirir os cães para o serviço, garante-se a eficácia dos mesmos para as funções às quais forem nomeados a desempenhar. Contudo, alguns dos entrevistados referiram que compravam cães com um ano ou até um ano e meio, porque para a sua utilização em equipas de intervenção tática, não tinham o tempo suficiente para

treiná-los bem. Os outros entrevistados referiram que preferiam comprar cachorros, mesmo que fosse para cães de intervenção tática ou de exploração, porque assim tinham a certeza que os cachorros não tinham ainda distúrbios mentais, para além de que podiam assim treinar os cachorros para o máximo de situações e condições possíveis, tornando-os mais versáteis em vida adulta.

Relativamente à questão nº 9: **“Do you think Swat Team dog is expensive? If yes, you consider that’s worthy?”**, apesar de, em grande parte dos países, se afirmar que o treino destes cães é caro, os entrevistados referiram que se se gasta dinheiro para prevenir situações que acontecem raramente, e questionam qual seria a razão por não gastar dinheiro em algo, como o treino dos cães para funções que podem ajudar o trabalho dos militares diariamente? Ainda afirmaram que a utilização de um cão é capaz de salvar a vida a um soldado, logo, até pode ser caro o seu treino, mas para salvar uma vida humana, não há preço monetário que pague essa vantagem. Ainda ao comparar os cães com a tecnologia que possa desempenhar a mesma função que o cão, encontraram benefícios, uma vez que a tecnologia apesar de poder ser mais barata, não tem a capacidade para, caso seja necessário, ser utilizada para outra função. Um cão é treinado para as funções que se necessitar, caso contrário, passado algum tempo e quando exista outra função que o cão deva desempenhar, ele tem a capacidade para se adaptar e ser treinado para desempenhar essa função. A utilização dos cães é versátil, ao invés do uso da tecnologia, que quando não serve, é necessário comprar outra versão.

A respeito da questão nº 10: **“Normally, what is the position of dog teams as part of a section or a squad? Why?”**, referiram que lançam o cão à frente das equipas em zonas de morte, como um corredor ou um compartimento extenso, para explorar em busca de armadilhas, explosivos e do inimigo. Lançam o cão também para explorar as portas e caso detete o inimigo, imobilizá-lo. Na limpeza de um compartimento, o cão vai na última posição. Caso haja a decisão pelo chefe da equipa e pelo tratador da utilização do cão, então abre-se a porta para o cão explorar o compartimento. Só depois entra a equipa de limpeza. Quando o cão está a rastrear uma área ou um compartimento, o cão pode estar entre os dois primeiros elementos da equipa.

No que concerne a questão nº 11: **“Do you think that dog can be used in underground close quarter combat?”**, recolheu-se informação que os subterrâneos são para o cão como um corredor ou mais um compartimento, desde que seja treinado para

tal, é capaz de explorar e avisar ou marcar o inimigo caso o detete neste tipo de infraestrutura.

Relativamente à questão nº 12: **“In your opinion, what are the benefits of using dogs in urban operations?”**, os entrevistados vêem os cães como se se tratasse de “olhos de águia” à nossa frente, capazes de detetar explosivos e odor humano. Contudo treinar os cães é um processo moroso, que necessita de tempo e muito esforço para os tornar operacionais. No entanto, mais vantagens da utilização dos cães em áreas urbanas foram referidas: o cão dá mais velocidade à limpeza, tem um efeito surpresa no inimigo, funcionando como distração, o que pode levar até à possibilidade de assim salvar uma vida humana. Resumindo, a utilização do cão é fundamental em situações em que não temos a certeza do que vamos encontrar. “Torna a nossa navegação mais segura e dá-nos mais confiança”.

A respeito à questão nº 13: **“During your career, what are the lessons learnt that you have?”**, as lições aprendidas pelos entrevistados tiveram que ver com o facto de não ser preciso treinar os cães com brutalidade nem se dirigir a eles verbalmente com agressividade, ao invés disso, é importante usar o cérebro para estar constantemente a incorporar no treino do cão diferentes circunstâncias, diferentes situações e diferentes condições de forma a se tornar cada vez mais versátil para novas situações que possam ocorrer na realidade. Para além disso, ter sempre planeado um plano B, caso o cão, não reaja da maneira prevista. Por vezes, ele não age como se quer, isto por ser um ser vivo e não uma máquina. Ainda é necessário ter em atenção que treinar cães é um processo em constante aprendizagem.

No que concerne à questão nº 14: **“Do you have a different training for this Swat Team Dogs?”**, os entrevistados referem que neste tipo de cão, o treino de obediência ao tratador é fundamental, pois só assim é que o cão percebe que é necessário existir uma constante cooperação entre ele e o tratador. Só depois da obediência e da cooperação estarem assimiladas pelo cão é que é introduzido no seu treino a sua especialização. No caso dos cães de Intervenção Tática, são treinados para morder e procurar o odor humano. Contudo, para alguns dos entrevistados, os cães, se tiverem características para se tornarem num cão multifacetado, então também lhes é administrado o treino para detetar explosivos.

Por fim, relativamente à questão nº 15: **“Do you think to introduce a dog in Swat Team is difficult?”**, a maioria dos entrevistados pensa que integrar o binómio numa equipa de limpeza não é problema, uma vez que os cães são criados desde cachorros em conjunto com os elementos da sua equipa, para além de estarem constantemente a treinar com eles. No entanto na Estónia, os elementos das equipas de intervenção não entendem o benefício da utilização dos cães, nem percebem muito acerca do treino dos mesmos e de como podem tirar proveito deles.

4.3. Discussão dos Resultados

Os resultados obtidos através das entrevistas vieram a complementar a análise documental previamente feita durante a pesquisa bibliográfica. Revelou-se serem dados importantes para se atingir os objetivos específicos deste trabalho.

Nesta discussão de resultados vão ser interpretados os resultados das entrevistas, cruzando-os com os da pesquisa documental.

No que concerne às funções de um cão militar, este pode desempenhar inúmeras tarefas. No Exército Português, os cães militares podem desempenhar as funções de: cão explorador, cão de sentinela, cão de guarda, cão de deteção, cão de busca e salvamento, cão de demonstração de capacidades e cão de Cinoterapia. No Exército Norte-Americano, os cães podem ser *Patrol Dogs*, *Patrol Narcotic Dogs* e *Patrol Explosive Detector Dogs*. Noutras organizações nacionais e europeias, os cães podem desempenhar funções como: cães de patrulha ou *general use dogs*, cães de deteção de estupefacientes e de explosivos, cães de intervenção tática e cães de busca e salvamento, entre outras. A tabela 8 sintetiza essas funções.

Tabela 11: As funções dos cães em diferentes organizações

Exército Português	Exército Norte Americano	Outras Organizações Nacionais e Europeias
Cão Explorador	Patrol Dogs	Cães de Patrulha/General Use Dogs
Cão de Sentinela		
Cão de Guarda		
Cão de Deteção	Patrol Narcotic Dogs	Product Scent Dogs/Deteção de Estupefacientes e Explosivos
Cão de Busca e Salvamento		

Cão de Demonstração de Capacidades	Patrol Explosive Detector Dogs	Cães de Intervenção Tática/Swat Team Dogs
Cão de Cinoterapia		Cães de Busca e Salvamento/Search and Rescue Dogs

Fonte: Elaboração Própria

Acerca das características dos cães para o CAU, aponta-se para um cão que pese entre os 30 aos 35 kg, um cão equilibrado sem distúrbios mentais, com instintos de caça e presa essencialmente bem definidos. Deve ainda ter uma mordida forte. Assim, a raça que mais se adequa a este tipo de combate é o Pastor Belga Malinois, não só por ter as características acima referidas, mas também porque é a raça de cães que melhor se mantem em silêncio numa operação devido à sua herança genética e por ser das raças de cães mais inteligentes e ter bastante velocidade. Tudo isto faz com que seja a raça mais versátil, para se deparar com diferentes situações possíveis de combate. Uma raça de cães que se assemelha aos Malinois é o Pastor Alemão, contudo a raça belga é a mais escolhida.

Relativamente ao treino dos cães militares, antes de se fazer qualquer tipo de treino base e de especialização, os cães quando adquiridos, têm de trabalhar com o seu condutor de forma a ganharem confiança e cooperação mútua. Isto foi referido pelos dois grupos entrevistados. O cão tem de perceber que ao aliar-se ao seu condutor e ao ter confiança nele, é benéfico para si. Em todas as situações têm-se de criar laços emocionais com os cães. Depois deste trabalho, vem o trabalho de obediência, no qual o cão aprende a obedecer em situações simples e corriqueiras ao tratador. Só após este trabalho estar feito é que é feito o treino base para criar robustez física e adaptabilidade do cão a novas situações. Todo este trabalho referido anteriormente é feito durante o 1º ano ou 1º ano e meio de vida do cão. Caso se adquira o cão numa idade mais avançada e este não tiver feito este tipo de treino, então devem-se encetar os mesmos procedimentos, mas numa forma mais abreviada. Só passados 1 ano e meio de vida do cão, é que ele, é capaz de desempenhar funções em CAU e deve começar a receber a formação para a sua especialização. Esta especialização normalmente tem a duração de 9 a 10 semanas.

Apesar de depender muito das capacidades do condutor e da relação deste com o seu cão, o tempo estipulado, aproximadamente para que o binómio se torne operacional é de 2 anos. Contudo, é um processo contínuo e em constante aprendizagem. O cão pode

deixar de estar operacional e neste caso inicia-se um processo de reabilitação das suas capacidades. A duração desse processo é variável e pode ter uma duração entre 5 a 12 meses.

Tendo em conta as técnicas utilizadas quando o binómio reforça uma equipa de limpeza em CAU, o cão, durante a progressão entre edifícios, encontra-se sempre mais à retaguarda. Se for numa situação em que se desconhece a localização do inimigo e o contacto de progressão é o contacto provável ou eminente, então o binómio avança mais um pouco no dispositivo e vai ao lado do chefe de equipa ou comandante de secção, mas nunca junto às paredes, para, caso seja preciso, utilizá-lo para detetar alguma armadilha ou ameaça e o cão poder fazer o seu trabalho sem interferências. Já na entrada para um edifício, o cão encontra-se junto à equipa de limpeza que vai entrar. Nesta situação, já pode começar a explorar a área em busca do inimigo ou algum explosivo. Se o comandante de secção decidir em conjunto com o condutor, lançar primeiro o cão para dentro do edifício ou do compartimento, então a equipa de limpeza aguarda enquanto o cão lançado explora o compartimento e o seu condutor relata ao chefe de equipa, a sua interpretação da reação do cão. Só após isso é que o comandante de seção dá a ordem para a equipa de limpeza entrar a fazer a revista ao compartimento, já com alguma informação do que pode vir a encontrar no mesmo. O cão nesta altura ou está a neutralizar o inimigo, ou a marcar uma armadilha ou junto do seu condutor novamente. O cão pode ser utilizado em CAU, não só durante a ação e na limpeza de compartimentos ou na defesa de um ponto importante, como numa base firme, mas também pode ser utilizado antes da ação, no isolamento do objetivo, inserido nas equipas de vigilância ou de segurança ou até mesmo depois da ação participando no reconhecimento à volta do objetivo em busca de material de guerra ou de prisioneiros de guerra.

No que concerne às vantagens e às desvantagens de usar o binómio em CAU, elencam-se-as na tabela 9.

Tabela 12: As vantagens e as desvantagens de utilizar o binómio em CAU

Vantagens	Desvantagens
“olhos de águia” – capazes de detetar explosivos e odor humano. São verdadeiros radares.	Treinar este tipo de cães é um processo moroso.
Mais velocidade à limpeza de compartimentos.	

Efeito surpresa no inimigo. Podem funcionar como distração.	A integração do binómio na equipa de limpeza é fundamental. Pode existir mordidas colaterais.
Pode salvar uma vida humana.	
Navegação mais segura. O tratador consegue ler a reação do cão e compreender se está a aproximar ou a afastar da ameaça.	O seu transporte para a área de operação.
Dão mais confiança à equipa de limpeza quando da revista do edifício.	Um cão mal treinado para se manter em silêncio pode levar à deteção da própria equipa pela ameaça.
A versatilidade do cão em se adaptar a diferentes situações e circunstâncias. São mais versáteis que a tecnologia, podem ser treinados para diferentes situações.	Existem obstáculos encontrados que podem impedir que o cão faça o seu trabalho, como por exemplo as portas.
Quando as ROE não permitem abater o inimigo, o cão é uma excelente arma não letal, capaz de imobilizá-lo.	O stress acumulado no cão pode interferir que faça bem o seu trabalho.

Tabela 13 (continuação): As vantagens e as desvantagens de utilizar o binómio em CAU

Vantagens	Desvantagens
A Capacidade olfativa, auditiva e a visão do cão permitem-lhe detetar indivíduos e armadilhas, em condições de luminosidade reduzida, nas quais os soldados até de aparelhos de visão noturna não conseguiam detetar.	A existência de países que não permitem a utilização dos cães nos seus teatros de operações devido a questões culturais.
No CAU, conseguem ser úteis, antes, durante e após a ação. Na segurança do perímetro, a isolar o objetivo, na limpeza de compartimentos e no reconhecimento e busca de prisioneiros de guerra e de material de guerra.	Dificuldade em diferenciar reféns, do inimigo.
Conseguem sentir vibrações inimigas no solo e no ar, a distâncias superiores às que os aparelhos tecnológicos não conseguem atingir.	A velocidade com que o cão explora os compartimentos, não permite fornecer-lhe grande segurança.

Fonte: Elaboração própria

Com a informação constante nesta tabela, compreende-se que os benefícios de utilizar um binómio no CAU têm a ver com a velocidade na limpeza dos compartimentos e o efeito surpresa que o cão tem no inimigo. Para além de serem comparados a um radar “vivo”, o cão também pode detetar armadilhas e explosivos o que pode muito bem salvar uma vida humana. Isto faz com que a navegação da secção se torne mais segura. Também devido às suas capacidades e à sua versatilidade, utilizar o cão ao invés de soldados com aparelhos de visão noturna ou tecnologia para detetar o inimigo é uma mais-valia. Os cães podem ainda ser uma alternativa à utilização excessiva da força, isto quando as ROE não permitem o uso total das armas de fogo. Por tudo o que foi referido anteriormente, os elementos das equipas de limpeza quando trabalham com os cães sentem-se mais confiantes. Das desvantagens que foram levantadas, grande parte delas podem ser solucionadas com um treino mais minucioso e bem conseguido, tais como o ter de manter-se em silêncio durante uma operação e a dificuldade em diferenciar reféns do inimigo. Tudo isto são desvantagens que com o devido treino podem ser colmatadas. Outras desvantagens como a possibilidade de haver mordidas colaterais, dentro dos elementos da secção, são colmatadas se houver um treino contínuo do binómio com a secção, para além do trabalho ser muito mais fácil se o quartel onde está o binómio é o mesmo da secção. A gestão de stress do cão também foi vista como uma dificuldade e até uma desvantagem. Isto pode ser solucionado se após algum tempo de espera sem ser utilizado na ação, se puder trocar de cão ou de binómio. Para isso é fundamental levar mais do que um binómio para a operação. Outras duas grandes desvantagens referidas, foram o facto do treino do binómio ser um processo moroso e que para um cão ser eficiente em CAU, tem de ser bem treinado. Relativamente a estas duas desvantagens, apesar de ser verdade, na opinião de muitos entrevistados, ainda assim é preferível apostar neste tipo de vetor, pois nada paga a possibilidade de se salvarem vidas humanas em combate. É essa a grande vantagem de utilizar os binómios em CAU. O facto de poderem existir obstáculos como portas fechadas que impeçam o trabalho do cão, neste caso é preciso adaptar as técnicas utilizadas, podendo até o condutor ou a equipa de limpeza acompanhar o cão nestas situações para facilitar o seu trabalho e remover o obstáculo caso não esteja armadilhado. As três grandes desvantagens da utilização do cão em CAU são: a velocidade que o cão impõe na limpeza dos compartimentos, o que não permite fornecer a segurança necessária para avançar e o facto de em alguns países, nos seus Teatros de Operações, não se

poderem utilizar os cães, por questões culturais, a que se associa a dificuldade de transporte do binómio até à área de operações. Relativamente à primeira grande desvantagem, se a limpeza do edifício for faseada, pode-se garantir mais um pouco de segurança, contudo cabe ao comandante de secção decidir se abdica da segurança ou da velocidade durante a limpeza do edifício. Relativamente ao transporte dos cães, podem ser infiltrados por via aérea ou ir acompanhados em veículos blindados como as restantes tropas. No que concerne à última grande desvantagem, não existe nada que possa solucioná-la. O comandante da força tem de fazer primeiro uma boa avaliação das crenças culturais da população residente na área e só depois decidir utilizar o binómio ou não na operação. As equipas de limpeza devem estar preparadas para atuar com o reforço do binómio ou sem ele.

Para elencar as dificuldades sentidas pelo CAU, relativamente às funções de combate, elaborou-se uma tabela de forma a perceber-se de que modo se podem solucionar as dificuldades com a utilização de um cão neste tipo de combate.

Tabela 14: As Dificuldades provocadas pelo CAU nas diferentes Funções de Combate

<p style="text-align: center;"><u>Informações</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mais oportunidades do inimigo se esconder, devido à densidade dos edifícios; - Detetar as assinaturas eletrónicas através de aparelhos eletrónicos; - O inimigo utiliza métodos alternativos para comunicar. (redes de telefone fixo ou Internet local) <p>Conclusão: Degradação das capacidades de reconhecimento e vigilância.</p>
<p style="text-align: center;">Movimento e Manobra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A canalização e a fragmentação das forças nas ruas das áreas urbanas; <p>Conclusão: Abrandamento da progressão da força, havendo o aumento de ser emboscado.</p>
<p style="text-align: center;">Fogos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É difícil de fazer a aquisição dos alvos, visto que fazer reconhecimentos nas áreas urbanas é uma tarefa complexa. <p>Conclusão: Grande possibilidade de provocar danos colaterais.</p>

Apoio de Serviços	- É necessário obter posse de infraestruturas da cidade que possam sustentar a força no devido local e na altura certa. Para além de ter de haver o apoio da população para a sustentabilidade da força na área.
Comando e Controlo	- Enorme quantidade de informação para processar. - Incidentes e o combate a ocorrer em tempo real. - A compreensão das considerações civis e das ROE.

Fonte: Elaboração Própria

Com as características dos cães que foram previamente apresentadas, em conjunto com as vantagens da utilização do binómio em CAU e ainda depois de sugestões para tentar solucionar as desvantagens de utilizar o cão neste tipo de combate, ao juntar toda esta informação e articulá-la com as dificuldades das funções de combate em áreas urbanas, pode-se retirar as seguintes conclusões:

Relativamente à função de combate, Informações, o cão seria uma mais valia, porque com as suas capacidades olfativas, auditivas e de visão, poderia facilitar em muito o reconhecimento de uma área, tornando mais fácil assim a deteção do inimigo e de possíveis armadilhas e explosivos improvisados. Ainda assim, a conjugação do cão com a tecnologia, como uma câmara acoplada ao dorso do animal para fazer o reconhecimento em tempo real, pode ser bastante vantajoso.

Quando é facilitada a aquisição de Informações acerca do inimigo e da área a operar, torna-se, por conseguinte, mais eficaz e precisa a aquisição de alvos. Assim, para além da sua utilização em CAU ser benéfica para a função de combate, Informações, também seria ótimo para a função de combate, Fogos.

Para além disso, a canalização e a fragmentação das nossas forças em ruas diferentes, aumenta a probabilidade de se ser emboscado. Esta é uma preocupação a ter em conta no CAU e que afeta o Movimento e a Manobra das nossas forças. Com a utilização do binómio nas ruas, era possível, não impedir a fragmentação das forças nas

ruas, mas conseguir detetar grande parte das emboscadas planeadas pelo inimigo. Tudo isto é possível, mais uma vez, pelas capacidades sensoriais que os cães possuem.

Com uma maior facilidade em reconhecer e obter informação da área a operar, tal uso facilitaria ainda outra função de combate, o Comando e o Controlo: torna possível ao comandante assistir em tempo real ao combate.

Há ainda outro aspeto a considerar que tem a ver com o uso de cães, caso as ROE não permitam a destruição do inimigo, que é o facto de serem uma alternativa muito eficaz de neutralização do inimigo sem ferir a opinião pública da área.

Por fim, na função de combate, Apoio de Serviços, foi levantada a necessidade de conseguir o apoio da população e de infraestruturas críticas na cidade para a sustentabilidade da força na área. Caso, as questões culturais da área permitam o uso dos cães na região, estes podem servir de segurança nessas infraestruturas essenciais para qualquer força conseguir sobreviver e ter os apoios no local certo, na hora indicada.

Desta forma, demonstra-se que a utilização dos cães é mais do que benéfica para ajudar nas dificuldades sentidas nas funções de combate em CAU, em regiões nas quais as questões culturais não o impeçam.

Por último e não menos importante, aborda-se a questão da manutenção e da seleção dos cães, bem como o custo de desenvolver esta área da Cinotecnia. Tanto o Exército Português como em grande parte de outras organizações nacionais, tais como a Guarda Nacional Republicana, e outras organizações internacionais, obtêm os seus cães através de três métodos: por aquisição ou compra, por criação de ninhadas e por doação. Também, na maioria destas organizações o método de manutenção e seleção de cães mais utilizados é a aquisição ou compra de cães através de remontas. Isto acontece porque, na maioria dos casos, a criação de ninhadas não dá garantias de que os cachorros vão ter as características essenciais para desempenhar bem o seu serviço, havendo assim o risco de durante um ano estar a investir em cães que posteriormente não vão ser utilizados. Também por doação, apesar de se fazerem testes acerca das aptidões dos cães para ver a sua compatibilidade com o serviço, estes por vezes podem ter distúrbios mentais e compulsivos difíceis de eliminar, para além de não terem sido treinados até à data para grande parte das situações que no futuro possam encarar. Desta forma, resta o método de aquisição como o mais seguro e rentável dos três processos. Neste este processo uma equipa da organização que quer adquirir os cães, faz testes aos mesmos antes de os

comprar às empresas, para assim perceber a sua compatibilidade com as tarefas que pretendem que no futuro efetuem. Um cão com características para ser utilizado em CAU ronda na atualidade os 3 mil euros.

Assim sendo, quando se questionaram aos entrevistados se achavam dispendioso desenvolver este tipo de vetor, todos eles, apesar de acharem dispendioso, defenderam que era dos poucos investimentos que a organização podia fazer e ter algum retorno desse investimento.

Concluindo, para os entrevistados, ao haver a possibilidade de se salvar vidas humanas em combate com o uso do binómio, não há dinheiro que pague uma vida humana.

Capítulo V – Conclusões e Desafios

5.1. Enquadramento

Após um longo processo de pesquisa documental e de recolha de dados através de entrevistas, e depois da sua análise e sobreposição de informação obtida por essa pesquisa e pelos dados obtidos, estão criadas as condições para se testarem as hipóteses levantadas no início do trabalho, bem como posteriormente se responder às perguntas derivadas delimitadas e assim se perceber se se atingiram os objetivos específicos e o objetivo principal do trabalho. Neste capítulo, ainda se levantam questões relacionadas com este tema que podem ser alvo de futuras investigações.

5.2. Verificação de Hipóteses

No início deste trabalho foram levantadas hipóteses como possíveis respostas às perguntas levantadas, com o intuito de, após uma pesquisa documental e cruzamento com informação recolhida em entrevistas, ser possível fazer afirmá-las ou negá-las.

Relativamente à Hipótese/questão nº 1: **“As funções que o binómio desempenha no Exército Português são só de deteção de explosivos, de guarda de infraestruturas e de cão de patrulha?”**, não foi validada com essa formulação, porque no Exército português existem para além destas, outras funções, que são desempenhadas pelos cães militares, como a função de cães exploradores, de cães de demonstração de capacidades e de cães de Cinoterapia.

A questão que correspondia à Hipótese nº 2: **“O olfato e a visão dos cães são as únicas formas de rentabilizar um cão para o combate em ambiente urbano?”**, tem nesta dissertação uma resposta afirmativa, mas acrescenta-se que para além das suas capacidades olfativas e da sua visão, o cão militar também tem outras características que o tornam útil para o CAU. A sua agilidade, a sua esperteza e a sua forma física são características muito úteis num cão militar em CAU. Assim, um cão com um porte entre os 30 e os 35 kg, é um cão ótimo para este tipo de combate. Tais características muito particulares do animal apontam para uma genética singular onde a maioria dos militares considera que a raça mais adequada para este tipo de combate seja o Pastor Belga Malinois. Talvez devido à sua herança genética seja esta a raça mais fácil de se controlar

e manter em silêncio numa operação, a que se acresce o facto de ser um animal muito versátil a multi-tarefas. Ainda a sua capacidade de audição e o instinto de defesa, são duas características que beneficiam em muito o seu uso. Para além de ser uma arma não letal capaz de ser utilizada quando as ROE não permitem o uso total da força. Uma outra raça com características semelhantes às anteriores é o Cão de Pastor Alemão, pois afirma-se também possuir as características acima referidas e que são importantes para o CAU. Tendo em conta o que se acaba de expor, a resposta à questão/hipótese anterior foi ampliada neste trabalho.

No que concerne a Hipótese/questão nº 3: **“O tipo de treino adequado para os cães em CAU é um treino de Intervenção Tática?”**, tendo em conta que os cães de Intervenção Tática da GNR são usados em CAU, e o seu homólogo no Exército Português é o cão explorador, então pode-se de facto afirmar que este tipo de treino é o mais adequado para os cães utilizados nesse tipo de combate.

Relativamente à testagem da Hipótese nº 4 que afirmava que: **“As vantagens de utilizar um cão no combate em ambiente urbano são superiores às desvantagens. A maior vantagem é a redução de perda de vidas humanas em CAU. A deteção da equipa de limpeza pelo inimigo por barulho do cão é a maior desvantagem.”**, verifica-se que as afirmações são parcialmente verdadeiras. De facto, tendo em conta a opinião de todos os entrevistados, a maior vantagem em utilizar os cães militares em CAU é que estes podem salvar vidas humanas. Todavia, a deteção da equipa de limpeza pelo inimigo, devido a ruídos produzidos pelo cão, não é considerada a maior desvantagem, uma vez que pode ser resolvida com um treino adequado. A maior desvantagem referida ao longo desta investigação foi o facto de em determinados países, a utilização de cães militares ter questões éticas e culturais associadas não sendo bem vista pela população ou até proibida por lei. Na globalidade, as vantagens de utilizar um cão em CAU são superiores às suas desvantagens. Não havendo impedimentos éticos/legais, a grande desvantagem apontada, todas as outras desvantagens que foram anteriormente referidas, podem ser solucionadas ou minimizadas de alguma forma.

Por último e a respeito da Hipótese nº 5 que afirma que **“Introduzir um binómio no CAU não é dispendioso. Adquirir novas tecnologias para ajudar neste tipo de combate é mais dispendioso.”**, pode-se afirmar que tais proposições são parcialmente verdadeiras. Introduzir um binómio no CAU é de facto dispendioso, mas é necessário um

termo de comparação, ou seja, o “preço” é relativo. Isto faz com que a primeira afirmação possa ser refutada. A compra de tecnologia para ajudar a desempenhar algumas tarefas no CAU, pode ser, comparativamente ao preço do binómio, mais barata. Contudo, a segunda afirmação da hipótese é parcialmente verdadeira, porque apesar de aparentar ser dispendioso, o investimento no binómio, mais tarde é retribuído, ao invés da tecnologia que para além de se degradar com maior facilidade, também só desempenha a função para a qual foi destinada. Um binómio, pelo contrário, é mais versátil. Após utilizá-lo para uma determinada função, se for preciso pode-se retreiná-lo para poder desempenhar tarefas em novas situações. A utilização do binómio confere mais capacidade de adaptabilidade à força do que a utilização de alguma tecnologia. Visto desta forma, apesar de à partida parecer ser dispendioso o investimento no binómio, a longo prazo a utilização do binómio é mais vantajosa do que da tecnologia que possa ajudar a desempenhar as mesmas tarefas, isso se não contarmos com os custos marginais, pela possibilidade de se poderem salvarem vidas humanas. Esse último aspeto é, no entender dos entrevistados, razão suficiente para o investimento.

5.3. Resposta às Questões Derivadas

Ao terminar a análise dos conteúdos das entrevistas e conjugando-os com a informação encontrada na pesquisa documental, pode-se finalmente responder às perguntas derivadas deste trabalho.

No que concerne à Questão Derivada nº 1 (QD1): **“Quais são as funções do binómio no Exército Português?”**, verifica-se que esse binómio, ou mais especificamente, o cão militar, pode ser um cão de guerra ou um cão de polícia militar. É dentro destas duas grandes vertentes que aparecem outras especializações.

Um cão militar pode ser um cão de guarda, que é utilizado para provocar impacto psicológico de forma a dissuadir certas ações criminosas. Pode ser um cão sentinela, que guarda infraestruturas importantes para o humano e para a organização militar. Pode ser ainda um cão de deteção de explosivos, minas e estupefacientes. Acresce a tudo isso o facto de poder salvar e resgatar pessoas através da especialidade de busca e salvamento. Os animais ainda podem demonstrar outras capacidades como por exemplo, serem utilizados na terapia para pessoas que apresentem deficiências motoras e psíquicas ou como cão de demonstração de capacidades.

Os cães exploradores, com interesse acentuado neste trabalho, são os cães que rastreiam áreas abertas, fazem reconhecimento de zonas, podem ser usados em patrulhas e ainda podem ser utilizados em limpeza de compartimentos, a tarefa que mais se pretendeu focar neste trabalho. Esses cães tem um efetivo interesse militar.

No que diz respeito à Questão Derivada nº 2 (QD2): **“Quais são as características que um cão deve ter para a rentabilização do seu uso em CAU?”**, percebeu-se que as características mais úteis do cão para o CAU, têm que ver com as suas capacidades sensoriais, com a sua inteligência, a sua robustez física, agilidade e versatilidade perante novas situações, para além de ter de ser um cão mentalmente equilibrado, bem socializado e com um bom instinto de presa. É referido recorrentemente que esse cão deve ter um porte entre os 30 e os 35 kg, ou seja, um porte médio, para não ser grande demais e perder a sua agilidade, mas também não ser pequeno de modo a torná-lo incapaz de neutralizar o inimigo. A melhor raça, sugerida por especialistas para os cães militares com esta especialidade de cães exploradores é o Pastor Belga Malinois, por ser uma raça versátil e adaptar-se muito bem a diferentes ambientes, ser inteligente, ter um bom porte que o torna ágil e veloz (características genéticas dos animais) e ser capaz de facilmente permanecer em silêncio durante uma operação. Em alternativa a estes Pastores Belgas, o Cão de Pastor Alemão tem porte e aptidões semelhantes. No entanto, é de referir que, qualquer cão com as características acima referidas e que seja um cão equilibrado, pode desempenhar tarefas em CAU. Um cão equilibrado, depois de adquirir a capacidade de mordida, é um cão muito completo.

No que se refere à Questão Derivada nº 3 (QD3): **“Qual é o tipo de treino que deve ser efetuado para os binómios em CAU?”**, e tendo em conta a especialidade que os cães necessitam de tirar que é a de cão explorador, ou, no seu homólogo na GNR, de cão de Intervenção Tática, o treino mais adequado para este tipo de animal deve começar idealmente quando o cão já tem 1 ano ou 1 ano e meio de vida, pois só nessa fase é que atinge a maturidade para conseguir aprender as técnicas necessárias para o seu uso no CAU. No entanto, antes desse treino, que normalmente dura entre 9 a 10 semanas e até ao 1 ano de idade, o cão deve passar pelo treino de obediência, que consiste em fazer com que o animal comece a obedecer ao seu tratador em pequenas tarefas como deixar de morder um brinquedo ou sentar-se. Também e não menos importante, o cão durante esse tempo deve entender as vantagens de trabalhar em equipa com o seu tratador e que isso

só será benéfico para ele, se forem criados laços emocionais entre os dois. O animal deve ainda passar durante esse primeiro ano de vida pelo treino base, no qual o cão vai ganhando a robustez física e a agilidade necessárias para ser cão militar. Os treinos de gestão de stress do animal são fundamentais. Só depois de tudo isso é que se treina o cão para a sua especialidade enquanto cão explorador ou cão de intervenção tática. Nessa fase o processo pode durar de algumas semanas a 12 meses para o cão estar totalmente operacional e apto para a missão. O treino deste binómio deve ser contínuo e estar integrado nas equipas e na força que o vai acompanhar numa operação para que, quando se estiver numa operação real, o binómio possa estar contextualizado não só com as Normas de Execução Permanentes (NEP) da força, as suas técnicas e as suas táticas, mas também com os restantes elementos da força, quer seja um pelotão, mas fundamentalmente uma secção, de forma a que durante a ação, não haja mordidas colaterais.

No que concerne à Questão Derivada nº 4 (QD4): **“Quais são as vantagens e as desvantagens de usar os binómios em CAU?”**, verificou-se que as vantagens de se utilizarem binómios em CAU têm que ver com as suas capacidades sensitivas, a sua agilidade, a velocidade que incrementam na limpeza dos compartimentos, a versatilidade em se adaptar a novas situações, o efeito surpresa, o impacto psicológico que provocam na ameaça e a sua inteligência. Para além disso, o binómio ao reforçar uma equipa de limpeza, dá mais confiança a esses homens, podendo até em certas ocasiões, salvar vidas humanas. Eles são uma ótima alternativa quando as ROE não permitem o uso da totalidade da força. De todas as vantagens acima referidas, a que foi considerada como sendo a mais importante foi a possibilidade de, com o uso do binómio, reduzir muito as perdas de vidas humanas de operacionais aquando da limpeza de compartimentos.

As principais desvantagens levantadas tiveram que ver com o facto de o treino do binómio ter de ser rigoroso e pormenorizado, o que o torna um processo moroso. Se formal treinado, o cão pode até fazer com que a força seja detetada pelo inimigo. Outra dificuldade sentida na prática está associada ao facto do animal não conseguir eficazmente diferenciar reféns do inimigo. De facto, podem existir obstáculos que impeçam o animal de fazer o seu trabalho. A acumulação do stress no cão é uma desvantagem que tem que ser considerada a que se acresce a da velocidade elevada que o cão incrementa na limpeza dos compartimentos, e que pode fazer com que muitas vezes,

a segurança possa ser desprezada. O transporte do binómio para o teatro de operações também pode ser considerado uma desvantagem se não se possuírem os meios para a sua projeção. No teatro internacional, a maior desvantagem pode ser a existência de países com questões éticas e culturais distintas e a existência de outros que proíbem a utilização dos cães nos seus teatros de operações.

Por último, e relativamente à Questão Derivada nº 5: **“Será dispendioso introduzir esta valência no CAU?”**, verificou-se que na maioria dos casos essa opção é considerada dispendiosa, todavia, tendo em conta o benefício que se consegue obter da sua utilização, é considerada um bom investimento. Os aspectos que valorizam economicamente o uso de um binómio prendem-se com a versatilidade dos cães em desempenhar diferentes funções, em comparação com os resultados obtidos por processos tecnológicos cujos aparelhos desempenham uma só função, aquela para as quais foram concebidos. A outra grande vantagem, difícil de avaliar economicamente, é o facto de o binómio ser capaz de salvar vidas humanas. Independentemente dos processos de valoração da vida humana, o custo económico de evitar uma fatalidade em Portugal deve certamente situar-se entre os 2 milhões de dólares (USA dólar) da Nova Zelândia (Ministry of Transports, 2017) e os 59 000 dólares (USA dólar) da Turquia (Kockaya et al., 2016), ou seja, vale muito mais do que 3 mil euros, o dinheiro mínimo que é necessário para adquirir um cão capaz de ser utilizado em CAU. Está claro que neste valor não se inclui o custo do treino do animal e de toda a sua manutenção e logística.

5.4. Resposta à Pergunta de Partida

No que se refere à grande pergunta de partida: **“Qual é a importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas no século XXI, no Exército Português?”**, há que ter em conta todas as vantagens anteriormente referidas para o uso de um binómio, sem também deixar de ter em conta as dificuldades sentidas na concretização eficaz das funções de combate no CAU, que estão associadas ao reconhecimento de áreas, à aquisição de alvos para os fogos indiretos, durante e após a ação de limpeza de edifícios, em funções de segurança, isolamento do objetivo, neutralização de ameaças, deteção de armadilhas e minas e ainda na consolidação, na busca de material de guerra e de prisioneiros de guerra. Não pode também ficar fora desta análise a capacidade de tornar a progressão da força mais segura, evitando emboscadas. Por tudo isso e vincando

novamente o facto de que o cão, também se torna uma distração para o inimigo aquando da entrada num compartimento, pode tal opção reduzir o número de perdas de vidas humanas.

Concluindo, a utilização do binómio em CAU, não só dá mais confiança aos elementos das equipas de limpeza e mais velocidade à própria limpeza de compartimentos, bem como ajuda a minimizar em muito as dificuldades sentidas nas funções de combate, essencialmente nas Informações, no Movimento e Manobra, no Comando e Controlo e ainda indiretamente nos Fogos.

Por tudo o anteriormente exposto, parece ser de extrema importância começar a reforçar com maior frequência os pelotões e as secções que vão atuar em áreas urbanas com os binómios.

5.5. Confirmação dos Objetivos da Investigação

Relativamente aos objetivos de todo o processo de investigação, pode-se afirmar que foram todos abordados e testados neste trabalho. As características fundamentais do cão para o CAU foram referidas, bem como as funções que este cão militar desempenha no Exército Português e ainda foi feita uma comparação com outros Exércitos e organizações nacionais e europeias. As técnicas e as táticas utilizadas pelo binómio no CAU também foram abordadas e comparadas com diferentes organizações com o intuito de mostrar diferentes formas de trabalho e ação, bem como a diferença dos treinos feitos pelo binómio nesta especialidade.

Por fim, as vantagens e as desvantagens da utilização de um binómio, com mais frequência em CAU, também foram referidas bem como o custo médio inicial que é necessário ter em conta caso se pretenda a sua utilização.

Pensa-se que se conseguiu ilustrar devidamente nesta dissertação a importância da Cinotecnia em operações futuras em áreas urbanas e também demonstrar possíveis formas de utilização/atuação do binómio e a sua rentabilização no CAU.

5.6. Reflexões Finais

Os aspetos mais importantes do uso de cães no CAU têm que ver com as capacidades sensitivas dos animais e com a forma como podem ser potenciadas com um treino adequado.

De facto, existe no Exército Português um tipo de cão militar capaz de ser utilizado em CAU. Este cão militar tem a especialidade de cão explorador. É um cão capaz de reconhecer áreas e limpar compartimentos com o intuito de detetar não só explosivos e minas como também detetar e neutralizar a ameaça. Tais ações devem-se às capacidades sensitivas do animal, como o seu olfato, a visão e a audição que lhe permitem detetar os itens para os quais foi treinado, fazendo-o muito antes dos soldados ou de tecnologia que por ventura possa ter sido adquirida para desempenhar essa função. Os Pastores Belgas Malinois e o Cão de Pastor Alemão são os cães mais adequados para esse tipo de especialidade, por serem ágeis, velozes e versáteis. Para além de serem considerados um radar vivo, também têm uma mordida muito eficiente para a neutralização da ameaça. Estes cães para além de todo o treino de obediência, gestão de stress, ambientalização e socialização bem como o treino base para ganhar a robustez física, também são treinados para a especialidade de cães exploradores, na qual aprimoram as técnicas e táticas de reconhecimento de áreas, deteção de itens e de busca de odor humano, bem como a limpeza de compartimentos.

De facto, o binómio pode ser empenhado em todas as fases do CAU, desde a aproximação, mantendo a navegação da seção ou do pelotão o mais segura possível, passando pelo isolamento do objetivo, montando segurança e reconhecendo a área em redor, durante a ação, na limpeza de compartimentos e ainda após a ação, na consolidação e reorganização onde se busca os prisioneiros de guerra e material crítico.

Para além disso, são uma mais-valia, por colmatarem muitas das dificuldades provocadas pelo CAU, nas funções de Combate, Informações, Movimento e Manobra, Fogos e Comando e Controlo, uma vez que permitem um melhor reconhecimento da área. Também permitem uma melhor navegação impedindo muitas oportunidades de emboscada e ainda melhoram a aquisição de alvos para os fogos indiretos, por serem utilizados como uma arma não letal, o que ajuda no Comando e Controlo, se o uso da força for restringido pelas ROE.

O binómio aquando da sua ação no CAU, dá mais confiança às equipas de limpeza para efetuarem o seu trabalho, beneficiando assim toda a operação. As desvantagens do uso do binómio podem na sua maioria ser minimizadas com um treino pormenorizado e funcional dirigido para as situações mais diversas com as quais se poderá confrontar. Contudo uma das maiores desvantagens é o uso do binómio em países nos quais por questões culturais o proibem. Neste caso, o comandante da força deve avaliar a situação e não utilizar o binómio para que as suas forças não sejam indesejadas pela população residente na área urbana.

Apesar de ser considerado por muitos um processo dispendioso, o reforço do binómio na secção de assalto a um edifício é uma mais-valia para toda a força, uma vez que com ele podem-se minimizar as perdas de vidas humanas neste tipo de combate.

Concluindo, as capacidades do cão militar na especialidade de explorador demonstram que este pode ser fundamental e o seu uso regular deve ser considerado como uma mais-valia no combate em áreas urbanas, nos teatros de operações que o permitirem.

5.7. Limitações da Investigação

Foram várias as limitações/dificuldades encontradas no decorrer deste trabalho de investigação aplicada. A maior delas prende-se com a escassez de bibliografia disponível relativamente a este assunto, talvez por ser um tema moderno e que só agora está a ser delineada a sua doutrina. Outra grande limitação resultou da situação de pandemia de SARS-CoV-2 em que se viveu durante a realização deste trabalho, o que dificultou a realização das entrevistas. O facto de se ter efetuado as entrevistas num período de exercício e durante o dia de trabalho dos entrevistados, alguns deles não responderam com detalhe a todas as questões das entrevistas impossibilitando assim a chegada a uma conclusão plausível.

5.8. Investigações Futuras

Sugere-se que em investigações futuras se faça um estudo mais aprofundado acerca das técnicas e das táticas utilizadas por diferentes países e organizações internacionais, no CAU, usando o binómio integrado nas forças de assalto a edifícios, de modo a se perspetivarem as melhores práticas e se possível se crie um documento técnico. Outro tema desafiante de investigação refere-se à forma como a tecnologia pode ser conjugada

com o uso do binómio em CAU, de modo a otimizar as suas práticas e ações *Stantard Operational Procedures* (SOPs).

Outras questões interessantes para futuras investigações poderiam passar pela criação de um perfil canino e de um perfil do seu condutor. Desenvolver esses perfis e elaborar um trabalho cruzando os perfis que são compatíveis para potenciar as capacidades do binómio. Também fazer uma pesquisa mais aprofundada acerca do processo de reabilitação do cão, de caso o cão se lesione ou fique ferido como é feito este processo; quem trata dele e até caso o cão perca o seu condutor, como é que este é ingressado novamente nas fileiras. Por último, fazer também um levantamento mais pormenorizado dos custos do treino de cães, tendo em conta a sua logística e veterinária.

6. BIBLIOGRAFIA

Livros e Revistas:

Dixon, P. (2009). “Hearts and Minds”? British Counter-Insurgency from Malaya to Iraq, *Journal of Strategic Studies*, 32:3, 353-381, disponível em <https://doi.org/10.1080/01402390902928172> visto em 2 de abril de 2020 às 15:34.

Ecole de L’Infanterie (2015). *Guide du Formateur pour les actions et techniques du groupe en Zone Urbaine*, Direction de la Formation Infanterie, Draguignan.

Exército Português (2012). *PDE 3-00 Operações*, Ministério da Defesa Nacional, Lisboa.

Exército Português (2015). *PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares*, Ministério da Defesa Nacional, Lisboa.

Exército Português (2020). *Cães Militares*, PDE 0-20-18, Ministério da Defesa Nacional, Lisboa.

Headquarters Department of Army (2005). *Field Manual No. 3-19.17 Military Working Dogs*, Washington DC.

Headquarters Department of the Army (2006). *Field Manual No. 3- 06 Urban Operations*, Washington DC.

Headquarters Department of the Army (2008). *Training for Urban Operations*, No. 90-1, Washington DC.

Kochaya, G., Yenilmez, F.B., Tuna, E. (2016). Estimation Of Value Of Life With A Model Approach Depending On Net Present Value For Turkey. *Value in Health*. 19: 7, A477.

Quivy, Raymond & Campenhoudt, LucVan. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 4ª edição, Lisboa, Gravidia.

Ministry of Transports. 2017. *Social Cost of Road Crashes and injuries 2106 Updates*. Financial, Economic and Statistical Analysis Team. Wellington.

Vale Lima, J.M.M., Santos, L.A.B., Garcia, F.M.G.P.P, Monteiro, F.T, Silva, N.M.P., Silva, J.C.V.F., Santos, R.J.R.P., Afonso, C.F.N.L.D, Piedade, J.C.L.. (2019). *Orientações Metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*, 2ª edição, Lisboa, Instituto Universitário Militar.

Programas televisivos:

Carvalho, J.A. (jornalista). (2019). *Cães de Guerra do Exército Português*, Reportagem TVI. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N78GADfCBsI> visto em 15 de fevereiro de 2020 às 09:31

Correia, M. P. e Mateus, V. (jornalistas). (2017). *Fala Portugal. Reportagem Especial “Cães de Guerra”*, RECORD TV, Bruno Silva (Edição), Mónica Machado (Produção) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0Pt8QGIo7Gs> visto em 16 de março de 2020 às 16:23

7. APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS ENTREVISTAS

Carta de Apresentação

Para a realização de um Trabalho de Investigação Aplicada, cujo tema é “A importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas no século XXI. A Cinotecnia no Exército Português em comparação com outras forças cinotécnicas nacionais e internacionais.”, pretende-se elaborar uma entrevista a elementos de diferentes forças cinotécnicas nacionais e internacionais, com o objetivo de se verificar quais são as diferenças nas técnicas e na doutrina entre essas forças, em que situações é que são mais empenhadas no uso da força, quais são os métodos de treino utilizados para os seus binómios, que tipo de cão é mais utilizado para operações no módulo de Combate em Áreas Urbanizadas (CAU), quais são as principais desvantagens e vantagens de utilização do binómio em CAU, bem como o relato de algumas situações consideradas como lições aprendidas numa determinada missão/tarefa.

Para tal a entrevista será de carácter semi-estruturado e aberto com o intuito de obter o máximo de informação e de opiniões de pessoas com vasta experiência e de forma a ser possível retirar alguma dúvida que possa surgir durante a mesma.

Assim, venho por este meio solicitar a V. Ex^a a realização da entrevista com o objetivo de ter o máximo de informação possível proveniente de alguém com bastante experiência, para concluir se será benéfico ou não incorporar binómios no Combate em Áreas Urbanizadas no Exército Português.

Muito obrigado pela sua colaboração

Respeitosamente

Cassiano Miguel Valadão Vieira

Aspirante de Infantaria

APÊNDICE B – PRESENTATION LETTER TO INTERVIEWS

Presentation Letter

As a successful applied research work, this one called as “The military dogs’ importance for close quarter combat in XXI century. Likening portuguese military dogs’ with other national and international military dogs’ units.”, must have an interview with diferent elements from diferent organizations. Aiming information about diferent doctrines and training methods among diferent units, but also try to know which dog is usefulliest in Close Quarter Combat, which advantages and disadvantages are they, using military dogs in this scenario and lessons learned during any task or mission. Also, to understand how much cost training these dogs, what are the difficulties felt by handlers and how can we improve doctrine and training methods.

To do that, this interview will be semi-structured and flexible to gather maximum information as possible from people with a big experience on this subject and to be possible to clarify any doubt about military dogs and close quarter combat using it.

So, I would like to ask your honor to help me and accept this interview, so I can achieve any conclusion about if is good or not to include military dogs’ teams in Close Quarter Combat’s Operations.

Thank you for your colaboration

Cassiano Miguel Valadão Vieira

Infantry Officer Candidate

APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO A

GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO A

- 1) Quais são as tarefas que o binómio desempenha na sua organização?
- 2) Em que situações é que na sua organização, o cão é mais empenhado, no uso da força?
- 3) Com que idade é que o cão começa a ser treinado?
- 4) Para si, é preferível um cão focado só numa função, ou um cão capaz de fazer mais do que uma função?
- 5) Normalmente, quanto tempo dura no mínimo o processo de aprendizagem para um cão capaz de desempenhar várias tarefas?
- 6) Que tipo de treinos é que é feito para um cão?
- 7) Mediante determinadas condições climatéricas, é necessário treino específico? Se sim, o que tem de ser feito para facilitar a adaptação do cão?
- 8) Os cães de intervenção tática/de exploração têm capacidade para entrar em silêncio? Se sim, a sua aprendizagem é um processo complexo?
- 9) Quais são as formas de haver cães disponíveis? Como é que a organização obtém os cães para treinar?
- 10) Se o tratador for transferido, o cão é dado a outro tratador?
- 11) Na sua opinião, o treino de um binómio é dispendioso?
- 12) Qual é a raça ou tipo de cão mais eficiente no Combate em Áreas Urbanas?
- 13) Quais são as melhores características do cão para o CAU?
- 14) Quais foram as dificuldades sentidas em CAU, durante toda a sua experiência profissional? Acha que o cão poderia colmatar algumas dessas dificuldades?
- 15) Existe dificuldade em integrar o binómio nas forças de intervenção ou numa força multinacional?
- 16) Como Norma de Execução Permanente no CAU, onde vai o binómio durante a progressão entre edifícios? Porquê?
- 17) Como Norma de Execução Permanente em limpeza de compartimentos, quais são as situações nas quais o cão entra primeiro e as outras situações em que o cão não entra em primeiro?
- 18) Nos esgotos de cidade, em combate subterrâneo, os cães podem ter alguma utilidade?
- 19) As equipas de Prisioneiros de Guerra e de Busca e Material no CAU beneficiariam da utilização de binómios? Se sim, porquê?
- 20) Quais foram as lições aprendidas por si, ao longo da sua carreira e no trabalho com cães?
- 21) Quais são as vantagens e as desvantagens da utilização do binómio em CAU?
- 22) Quais são as dificuldades sentidas durante o treino do binómio?

APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO B

GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO B

- 1) What are service dogs' tasks in your unit?
- 2) What are the situations that service dogs are used the most in use of force?
- 3) In your opinion, we must have a single purpose dog or a dual purpose dog?
- 4) What is the best dog breed for intervention service dog?
- 5) How old are puppies, when ready to train as service dogs?
- 6) As a standard, how much time does a dog needs to train to able for the service?
- 7) As adapting to different climate conditions, it's needed a specific training? What do you do?
- 8) What are your unit possibilities to have a new dog for the service?
- 9) Do you think training Swat Team dog is expensive? If yes, you consider that's worthy?
- 10) Normally, what is the position of dog teams as part of a section or a squad? Why?
- 11) Do you think that dog can be used in underground close quarter combat?
- 12) In your opinion, what are the benefits of using dogs in urban operations?
- 13) During your career, what are the lessons learnt that you have?
- 14) Do you have a different training for this Swat Team Dogs?
- 15) Do you think to introduce a dog in Swat Team is difficult?

APÊNDICE E – RESPOSTAS AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO A

Quadro nº1: Respostas à questão nº 1 da Entrevista ao grupo A

Nº	1) Quais são as tarefas que o binómio desempenha na sua organização?
A1	“Identificar e imobilizar indivíduos perigosos, busca de indivíduos evadidos e imobilização de barricados (...) apoio às equipas de intervenção do GIOE, o principal meio coercivo é o cão.”
A4	“Na Intervenção Tática, o cão trabalha de forma autónoma. Faz varrimento quando largado (...) Pode ser um cão misto (...) deteção de explosivos e (...) busca de odor humano.”
A5	“(…) fazem varrimento a grandes áreas, encontrar pessoas em veículos, encontrar objetos com odor humano. Estes cães também podem ser utilizados em Combate em Áreas Urbanas se forem treinados para isso. São cães com capacidade para detetarem explosivos e têm a capacidade de morder. Esta é a conjugação mais correta para a utilização desses cães em CAU (...). Os nossos pesos pesados para este tipo de situações são os cães de Intervenção Tática. Têm como principal função encontrar e neutralizar o inimigo. Os cães militares são muito parecidos com este tipo de cão, utilizado na GNR. Um cão com capacidade para morder é um cão muito completo, pois esta é uma das tarefas mais difíceis (...) a conjugação militar mais conhecida é esta: cão de deteção de explosivos e para morder. É assim que os Estados Unidos usam e é assim que os franceses os usam. Tudo o que é cães militares passa muito por aí.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº2: Respostas à questão nº 2 da Entrevista ao grupo A

Nº	2) Em que situações é que na sua organização o cão é mais empenhado, no uso da força?
A1	“Busca de Indivíduos evadidos, em imobilização de barricados, em emprego com forças combinadas e infiltração por meios aéreos e meios marítimos.”
A4	“Só utilizamos os cães de intervenção tática para incidentes tático policiais.”
A5	“A autorização para morder é conseguida já numa altura muito perto da utilização da arma de fogo de forma não letal. Ou seja, é empenhado no uso da força, não em situações limite, mas muito perto.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº3: Respostas à questão nº 3 da Entrevista ao grupo A

Nº	3) Com que idade é que o cão começa a ser treinado?
A1	“Pelo menos com um ano de idade ou um ano e pouco. Não muito novos, tem que ver se o cão tem características ou não. É necessário primeiro tirar medos ao cão, socializar bem o cão, treinar a mordida depois de mudar os dentes e fazer treinos de obediência com eles. Só assim, depois perceber se o cão tem características para ser cão de intervenção tática.”
A4	“Logo desde pequeno. O cão aprende muito mais quando é jovem. É mais fácil de negociar com eles com comida e brinquedos enquanto jovens.”
A5	“logo que obtenho o cão e às vezes consigo ter um cão com 7 semanas (...) Existe toda uma preparação base: a socialização, o treino ambiental e outras coisas que vamos introduzindo para mais tarde utilizar. Isso sim, pode ser começado às 7 semanas. Na maioria de cães equilibrados, podemos fazer quase tudo com eles, desde que precocemente saibamos fazer as coisas.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº4: Respostas à questão nº 4 da Entrevista ao grupo A

Nº	4) Para si, é preferível um cão focado só numa função, ou um cão capaz de fazer mais do que uma função?
A1	“Sou da opinião que os cães devem fazer a sua área específica, pois caso contrário pode ficar confuso.”
A4	“(…) o cão de Intervenção Tática pode ser capaz de identificar explosivos. O mesmo cão deve fazer porque não se deve colocar 2 cães a varrer compartimentos.”
A5	“Defendo os cães multi task, contudo tem de ser ter em atenção o tipo de conjugação que se faz (...) pôr o cão a seguir rastos de pessoas para encontrar e morder, por o cão a encontrar engenhos explosivos até em pessoas e depois ter a faculdade mediante a situação passar para morder que é o que os americanos fazem em checkpoints no Afeganistão. Isto são exemplos de boas combinações que se pode fazer no cão. (...) se o cão for mal treinado, aí sim, confunde-se tudo. O único problema com cães multi task é evidenciado por problemas de treino.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº5: Respostas à questão nº 5 da Entrevista ao grupo A

Nº	5) Normalmente, quanto tempo dura no mínimo o processo de aprendizagem para um cão capaz de desempenhar várias tarefas?
A1	“O cão está sempre a aprender, é um trabalho constante. Apurar o comportamento.”
A4	“Se tiver urgência em colocar um binómio operacional e o cão tiver 1 ano e meio então pode-se colocá-lo em 5 meses apto, contudo não é o indicado. No mínimo 6 meses a 1 ano é o ideal.”
A5	“Acredito que 1 ano de trabalho focado e inteligente é capaz de por um cão operacional. Isto se se apanhar o cão numa idade que se possa imediatamente começar a treinar umas coisas. Há coisas que só podemos treinar num cão quando ele tiver maturidade.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº6: Respostas à questão nº 6 da Entrevista ao grupo A

Nº	6) Que tipo de treinos é que é feito para um cão?
A1	“(…) as mordidas, obediência, treino ambiental, a condição física do cão, socialização e sociabilidade.”
A4	“(…) um treino ambiental (….) Não pode ter medo de pisos, de sons. (….) de mordida, esse treino começa a ser feito depois do cão mudar os dentes (….) treino de obediência (….) andar ao lado do tratador, o sentar, o deitar, o parar a reação (deixar de morder qualquer coisa se o tratador quiser) (….) gestão de stress na batida de açaimo ou mordida.”
A5	“O 1º treino (….) é o treino invisível que tem que ver com a cooperação, com aquilo que o cão é capaz de fazer pelo tratador que está ao seu lado (….) precisamos de um cão que goste mesmo de nós. O 2º treino (….) é o da obediência, pois sem ela não se consegue nada e preciso dela para poder controlar o cão. A partir daí é treinar para a tarefa específica. (….) Para trabalhar em áreas urbanas, a cinotecnia moderna, vê o cão como um ser capaz de correr riscos superiores aos humanos.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº7: Respostas à questão nº 7 da Entrevista ao grupo A

Nº	7) Mediante determinadas condições climáticas, é necessário treino específico? Se sim, o que tem de ser feito para facilitar a adaptação do cão?
A1	“(…) treinar os cães diariamente (...) em todas as situações para o deixar à vontade para qualquer tipo de ambiente, contudo os cães trabalham melhor no frio.”
A4	“A condição física é essencial para a adaptação a condições climáticas. O treino de odores é mais afetado pelo clima de Inverno do que de verão. Apesar de no verão se tornar mais fácil a deteção de odores, a concentração do odor, a fonte do odor não é tão precisa.”
A5	“O cão tem de conhecer o ambiente. Para ele perceber o que está diferente, ele tem de conhecer os cheiros que predominam ali. Convém dar tempo para o cão se habituar caso se utilize em Forças Nacionais Destacadas.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº8: Respostas à questão nº 8 da Entrevista ao grupo A

Nº	8) Os cães de intervenção tática têm capacidade para entrar em silêncio? Se sim, a sua aprendizagem é um processo complexo?
A1	“A aprendizagem do cão para se manter em silêncio é complexa. (...) Uma técnica para combater o stress no cão é (...)troca-se para outro cão para se manter focado na função.”
A4	“Manter o silêncio é uma questão de habituação e treino. É muito fácil de controlar se for bem treinado com estímulos para o fazer em silêncio.”
A5	“(…) basta o treino. (...)Tudo tem a ver com o nível de treino que empenhamos.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº9: Respostas à questão nº 9 da Entrevista ao grupo A

Nº	9) Quais são as formas de haver cães disponíveis? Como é que a organização arranja os cães para treinar?
A1	“(…) remonta de cães. Empresas próprias de treino de cães (…) criação de cães através da seleção de um casal que achamos que vão dar bons cachorros, contudo nem sempre fazemos devido à necessidade de mais tempo para treinar os cães e mais manutenção dos mesmos, com o risco dos cachorros não se mostrarem aptos nem terem as melhores características para o serviço. É um trabalho mais demoroso, por isso é preferível comprar cães já adultos. Um cão adulto custa no mínimo cerca de três mil euros.”
A4	“Há 3 formas de obter cães. Através da Aquisição, da Doação e da Ninhada. A Aquisição dá muitas mais garantias. Compra-se um cão com 12 meses entre os 3 000 e os 4 000 euros. Um cão que garantidamente dá para o serviço. (...) ninhada investe-se durante um ano sem saber se os cachorros vão ser bons para o serviço (...) doações é mais raro (...) por vezes nestes casos os cães vêm com vícios incompatíveis.”
A5	“Na minha opinião os de Aquisição são a melhor forma de obter cães e os doados. Isto porque quer um quer outros nós podemos testar. Numa ninhada, podemos aproveitar todos, mas também podemos não aproveitar nenhum, é uma verdadeira lotaria.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº10: Respostas à questão nº 10 da Entrevista ao grupo A

Nº	10) Se o tratador for transferido, o cão é dado a outro tratador?
A1	“Se o tratador for transferido, o cão é entregue a outro tratador.”
A4	“Se o tratador for para outra unidade cinotécnica o cão acompanha-o. Caso seja transferido para outra unidade o cão é entregue a outro tratador. Existe uma equipa EFCC que trata de cães com problemas e cães sem tratador”
A5	“No Exército um cão têm diferentes tratadores durante a vida, na GNR um tratador tem diferentes cães.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº11: Respostas à questão nº 11 da Entrevista ao grupo A

Nº	11) Na sua opinião, o treino de um binómio é dispendioso?
A1	“No mínimo o treino de um binómio custa cerca de três mil euros.”
A4	“Não considero um investimento muito caro. É mais caro o equipamento dos militares do que o treino de um cão de Intervenção Tática.”
A5	“Não conheço nada que substitua o cão, nem em termos de nariz nem em termos de capacidade nas tarefas que lhe são dadas, nada que tenha o impacto psicológico, que seja tão rápido, nada que consiga imobilizar tão depressa. Posto isso, é um bom investimento. Até pode ser caro, mas não há mais nada que substitua isto.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº12: Respostas à questão nº 12 da Entrevista ao grupo A

Nº	12) Qual é a raça ou o tipo de cão mais eficiente no Combate em Áreas Urbanas?
A1	“A raça do cão mais utilizada no Combate em Áreas Urbanas é o Pastor Belga Malinois.”
A4	“(…) considero o pastor belga Malinois o cão mais eficiente. O pastor alemão também tem boas características.”
A5	“Um pastor alemão, um pastor belga Malinois, porque tem de ter agilidade, tem de ser suficientemente pequeno para se transportar, tem de ser suficientemente grande para transpor a maior parte dos obstáculos que pode encontrar, tem de ter suficiente peso para o impacto se for preciso conseguir fazer algum estrago.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº13: Respostas à questão nº 13 da Entrevista ao grupo A

Nº	13) Quais são as melhores características do cão para o CAU?
A1	“Ser ágil, ser um cão equilibrado que pese entre os 30 e os 35 Kg, com os instintos bem definidos e ter uma mordida forte, para além de uma presa acima da média.”
A5	“Um cão seguro, ou seja, com bons nervos, bem socializado e equilibrado em geral. Um cão equilibrado serve para tudo, tudo o que seja adaptações, tudo o que seja aquele cão que morde tudo, para mim não serve. Porque se morde toda a gente é como ter uma arma que dispara para qualquer direção possível.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº14: Respostas à questão nº 14 da Entrevista ao grupo A

Nº	14) Quais foram as dificuldades sentidas em CAU, durante toda a sua experiência profissional? Acha que o cão poderia colmatar algumas dessas dificuldades?
A1	“O mais difícil é levá-los em total silêncio ou existir algum obstáculo que impeça o cão de agarrar o alvo.”
A4	“As dificuldades mais sentidas em CAU foram a procura de explosivos e quando há um atirador furtivo barricado. O cão pode colmatar estas dificuldades, pois permite dar à equipa de assalto uma janela temporária para entrar, com o intuito do inimigo ficar distraído com o cão.”
A5	“(…) o principal problema para este tipo de combate é o não haver forma de garantir minimamente o cão. Ele fica demasiado exposto. A minha principal preocupação quando treino é que quanto melhor treinamos os cães, mais probabilidade eles têm de morrer, porque se o cão for covarde, nunca se vai meter em apuros. Se ele for bom e bem treinado a probabilidade de morrer é grande. Não têm racionalidade de ver que existe um fio no chão por isso não podem pisar, não têm racionalidade de perceber que um indivíduo se vai fazer detonar e com ele o cão também.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº15: Respostas à questão nº 15 da Entrevista ao grupo A

Nº	15) Existe dificuldade em integrar o binómio nas forças de intervenção ou numa força multinacional?
A1	“Os cães adaptam-se bem, é mais difícil para as pessoas que não estão habituadas a trabalhar com cães se adaptarem a eles.”
A4	“Desde que reconheçam competência não há dificuldade.”
A5	“Existe mais dificuldade em integrar os homens, do que o binómio. A dificuldade é contextualizar o cão. Os problemas vêm mais devido ao binómio em conjunto do que o cão, porque pretende-se que o binómio se comporte como nos treinos, o que infelizmente nestas situações nunca se comporta como nos treinos, especialmente o tratador, logo isso tem algum resultado no cão também. As dificuldades que se sente na integração são mais causadas pelo tratador do que pelo cão.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº16: Respostas à questão nº 16 da Entrevista ao grupo A

Nº	16) Como Norma de Execução Permanente no CAU, onde vai o binómio durante a progressão entre edifícios? Porquê?
A1	“Vai em terceiro, para que se chame logo o cão caso seja necessário intervir. À frente, vai o homem do escudo, depois um segundo homem e por fim o binómio.”
A4	“Entre edifícios, o cão vai sempre atrás, para caso seja necessário depois ser lançado.”
A5	“Normalmente é o penúltimo homem em progressão normal. Isto num cenário de guerra circunscrito em que sabemos que naquela zona só está a nossa ameaça. Numa situação em que a localização da ameaça é desconhecida e há a possibilidade de existir reféns ou inocentes, então o binómio terá de ir mais à mão do chefe de equipa. (...) não deve ir muito à frente, porque pode haver por exemplo uma explosão. Dessa forma, deve ir sempre no lado de fora, não devem estar encostados a uma parede, porque o cão tem de estar atento a qualquer coisa que possa acontecer. Mas nos primeiros lugares da equipa o binómio não deve de ir.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº17: Respostas à questão nº 17 da Entrevista ao grupo A

Nº	17) Como Norma de Execução Permanente em limpeza de compartimentos, quais são as situações nas quais o cão entra primeiro e as outras situações em que o cão não entra em primeiro?
A1	“(...) a equipa só avança depois do cão inspecionar os compartimentos à espera de morder ou ladrar para marcar o alvo. O principal método é através da mordida, mas quando o cão não consegue morder, então como marcação do alvo, ele ladra. O cão de deteção de explosivos por outro lado, fica sentado sem reação, quando deteta alguma armadilha. De resto o cão anda sempre com o tratador dentro dos edifícios.”
A4	“O cão vai sempre em 2ª posição, porque alguém abre a brecha e depois o cão entra de imediato para uma revista aos compartimentos. Na limpeza de compartimentos, o cão entra em primeiro sozinho para fazer todo o varrimento. Logo depois é que entra a equipa de limpeza e já faz um varrimento mais sumário.”

Quadro nº17 (continuação): Respostas à questão nº 17 da Entrevista ao grupo A

Nº	17) Como Norma de Execução Permanente em limpeza de compartimentos, quais são as situações nas quais o cão entra primeiro e as outras situações em que o cão não entra em primeiro?
A5	O cão quando é utilizado vai sempre primeiro, há situações em que se espera se a entrada for muito furtiva para ver o que acontece. Noutras situações, lança-se o cão e de seguida as equipas. (...) é sempre dada primazia ao cão. O cão quando está dentro do edifício, mas ainda não foi lançado ainda mantém-se sempre junto ao tratador, normalmente sem açaime, a não ser que ele vá trabalhar com açaime, todas as progressões o cão vai sempre sem açaime. O cão vai como é para ser utilizado na ação.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº18: Respostas à questão nº 18 da Entrevista ao grupo A

Nº	18) Nos esgotos de cidade, em combate subterrâneo, os cães podem ter alguma utilidade?
A1	“Os cães podem ter utilidade em combate subterrâneo.”
A4	“Nos esgotos a luminosidade é reduzida, geralmente está mais fresco, o que faz com que o trabalho do cão nesse tipo de ambiente seja ainda mais necessário e mais proficiente respetivamente.”
A5	“O cão teria bastante utilidade e seria extremamente eficaz. Quer pelo impacto que criam quer pela vantagem que podem tirar por aí. No tempo da guerra fria, existiam os cães que caçavam snipers. Imagine-se um cão lançado dentro de um túnel à procura da ameaça, o impacto psicológico que daria à ameaça, saber que existe um cão à sua procura num túnel.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº19: Respostas à questão nº 19 da Entrevista ao grupo A

Nº	19) As equipas de Prisioneiros de Guerra e de Busca e Material no CAU beneficiariam da utilização de binómios? Se sim, porquê?
A1	“As equipas de Prisioneiros de Guerra iriam beneficiar pois trabalham com o odor humano. Para as equipas de busca de material, não seria fácil.”
A4	“O cão tem a capacidade para reconhecer milhares de odores, desde que tenha uma recompensa para tal. Por isso, o material de guerra, a pólvora ou o lítio podem muito bem serem detetados por um binómio. Assim, é uma mais-valia para as equipas a utilização do binómio como complemento no seu trabalho.”
A5	“Se o binómio for treinado para isso, toda a gente beneficia com isso. Tudo o que os cães possam ser úteis com o nariz, nós beneficiamos sempre.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº20: Respostas à questão nº 20 da Entrevista ao grupo A

Nº	20) Quais foram as lições aprendidas por si, ao longo da sua carreira e no trabalho com cães?
A1	“(…) Pinhal Novo, no qual morreu um cão e outro ficou ferido. Retiro que naquela situação só foram dois cães e deviam ter ido quatro cães. Outra situação (…) um armazém, no qual o cão que tinha sido ferido no Pinhal Novo, foi novamente utilizado. (…) ficou quarenta minutos à espera (…) entrou no armazém (…) permaneceu imóvel e a ladrar. Não atacou o indivíduo, que com serenidade permaneceu imóvel a olhar para o cão. (…) perceber se a reabilitação do mesmo foi bem-sucedida ou não (…) um cão nunca deve estar muito tempo à espera para entrar em ação.”
A2	“o cão (…) funciona como distração para o inimigo (…) são benéficos para o CAU, porque durante a limpeza de compartimentos são mais rápidos que os humanos na exploração dos mesmos, uma vez que utilizam tanto a visão como o olfato para o fazer. Para além disso, com a utilização do binómio, as equipas de limpeza ficam mais confiantes na sua função.”
A3	“Pinhal Novo, no qual perdemos um cão. Uma segunda experiência num armazém em que o binómio ficou 8 horas a 10 metros de altura e 40 minutos numa linha formada à espera de entrar em ação. (…) a partir daí ter em atenção o tempo de espera do binómio para entrar em ação, pois o cão também sente stress e frustração. (…) Outra situação foi em Lourinhã (…) cão encontrou o inimigo morto então não fez nada e ignorou-o. No entanto, não se pretendia isso do cão. Da mesma era necessário o cão avisar que existia ali alguém para a equipa saber.”
A4	“a ligação entre o pessoal de Operações Especiais e o pessoal cinotécnico é fundamental (…) extrema importância a ligação e o treino contínuos, porque é necessário construir uma confiança mútua entre os militares e o binómio, especialmente com o cão. (…) devíamos ter a capacidade de projeção. Melhor seria se as equipas cinotécnicas e as Operações Especiais tivessem no mesmo quartel.”
A5	“As equipas do GIOE tiraram grandes lições com a utilização do cão. (…) Nas equipas de limpeza de compartimentos não pode haver elementos com medo de cães. Caso contrário não funciona, pois a atenção dos elementos vai ser direcionada para o cão e não para a ameaça.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº21: Respostas à questão nº 21 da Entrevista ao grupo A

Nº	21) Quais são as vantagens e as desvantagens da utilização do binómio em CAU?
A2	“vantagens de usar o binómio (…) com o seu uso tenta-se poupar vidas humanas (…) algumas situações (…) não se pretende tirar a vida ao inimigo (…) não é necessário entrar num compartimento aos tiros, o cão já por essa altura imobilizou a ameaça (…) fazem uma marcação de onde está o inimigo caso não consigam neutraliza-lo. Pode ser considerado benéfico caso as ROE não permitam a utilização da força na sua totalidade.”
A3	“utilização do cão em CAU é vantajosa (…) capacidade olfativa, o que o torna capaz de buscar o odor da ameaça (…) a confiança com o seu tratador for boa, então o tratador pode fazer uma leitura rápida do cão para ver se se aproxima o inimigo ou se estamos na sua presença (…) Dentro de edifícios, o cão quando está a explorar, ao entrar e sair dos compartimentos, os elementos do Grupo de Intervenção de Operações Especiais têm mais confiança (…) O cão acaba por identificar mais depressa (…) Dá mais velocidade à limpeza (…) de existir reféns, o cão é utilizado com açaimo (…) é visto como uma distração.”

Quadro nº21(continuação): Respostas à questão nº 21 da Entrevista ao grupo A

Nº	21) Quais são as vantagens e as desvantagens da utilização do binómio em CAU?
A4	“As principais desvantagens são: a logística, pois tem de haver transporte para os cães. Também com uma porta fechada um cão não tem capacidade para a abrir, contudo consegue marcar a porta ao ladrar caso haja algo estranho. Ainda como desvantagem, pode acontecer o cão denunciar a posição, contudo isto pode ser treinado, logo não é um impedimento para a utilização do cão. Uma grande desvantagem da utilização do binómio em CAU é o facto da existência de países que não aceitam o cão nos seus Teatros de Operações por questões culturais. Como uma das principais vantagens, o cão faz tudo aquilo que nós quisermos que ele faça. Consegue com o nariz e a audição fazer muito mais do que os soldados. É considerado um radar humano. Para além disso, é considerado um vetor económico, pois faz tudo por brincadeira, basta acrescentar ao que queremos fazer uma pequena recompensa como comida ou brinquedo.”
A5	“O cão tem a capacidade de fazer aquilo que nem dez soldados são capazes de fazer. Conseguem cheirar o inimigo, conseguem ver o inimigo de noite, o que um soldado mesmo com visão noturna torna-se difícil. Ainda consegue ter uma perceção, uma eficácia, uma agilidade e uma velocidade que nenhum soldado consegue ter. Um cão vale por dez homens.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº22: Respostas à questão nº 22 da Entrevista ao grupo A

Nº	22) Quais são as dificuldades sentidas durante o treino do binómio?
A2	“encontrar cenários os mais parecidos com o real. Numa situação em que se tem de limpar uma casa de família com vários odores, é mais difícil do que em habitações de treino de Combate em Áreas Urbanizadas. Esta é a principal dificuldade sentida, pois num cenário real existem vários odores que podem confundir o cão, na sua busca pelo odor da ameaça. Na adaptação do cão aos disparos, flash bangs e explosivos, o cão tem de ser equilibrado, ágil e destemido. Assim, no seu treino para cão de Intervenção Tática, ele começa por morder e tem recompensa no final com um brinquedo. À medida que a mordida está mais treinada, vão colocando inputs tais como um disparo ou explosão para o cão ignorá-los. Vamos sempre adaptando o cão a novas situações.”
A3	“há pormenores que surpreende o cão e isto faz com que a resposta do mesmo não seja a resposta treinada e esperada (...) é trabalhar mais. Não se deve insistir. A partir daí é ver o que corre mal numa situação para depois poder treinar (...) um bom cão para este tipo de serviço, tem de ter bom carácter, não ter medos (...) O tratador sabe as técnicas básicas do CAU, contudo não são especialistas em CAU. Para isso, tem o GIOE que ensinar os procedimentos em CAU.”

Fonte: Elaboração Própria

APÊNDICE F – RESPOSTAS AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA AO GRUPO B

Quadro nº23: Respostas à questão nº 1 da Entrevista ao grupo B

Nº	1) What are service dogs' tasks in your unit?
B1	“We work with intervention dogs in operations in rural areas and also in urban or suburban areas (...) special intervention unit trains with police intervention unit and with army SOF units. We use these dogs for tracking and apprehension in special intervention unit.”
B2	“Austrian police dogs are trained as patrol dogs (...) searching for people in buildings, in open areas and protection work on different circumstances and different environment (...) tracking human scent and product scent.”
B3	“It is a general use dogs, product scent dogs, search and rescue dogs and swat teams dogs.”
B4	“We have two types of service dogs: patrol dogs and detection dogs (...) One third of them are detection dogs and the rest are patrol dogs (...) patrol dogs can have some skills like search for drugs. So, they are multi task dogs.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº24: Respostas à questão nº 2 da Entrevista ao grupo B

Nº	2) What are the situations that service dogs are used the most in use of force?
B1	“to track as part of tactical tracking, but they have to be prepared also for the search of persons in buildings or assisting in apprehension when you take people.”
B2	“Police dog handler can be used for different tasks, not only for patrol or detecting narcotics (...) product scent, for example narcotics, explosives, fire detection. It's depend on the needs in different provinces.”
B3	“in border line. Swat team dogs are going for help and usually they are behind everyone and waiting for situations where is needed a dog to act, because men do not can do it by themselves. Aiming to safe people (...) Swat team dogs don't know what is barking, they just go and when we have someone hiding in somewhere, they track to bite.”
B4	“If you speak about normal patrol dogs, they are used most in run escapes, domestic violence and riots.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº25: Respostas à questão nº 3 da Entrevista ao grupo B

Nº	3) In your opinion, we must have a single purpose dog or a dual purpose dog?
B1	“Single purpose dog special for explosive detection (...) We are trying to figure out if is more safe to use single purpose dog or dual purpose dog. The possibility is the issue, if they have two functions, which one is going to be stronger. Will he attack when is necessary or only indicate?”
B2	“the decision in Austria was to don’t do this mixing. We have explosive detection dog, if there is a case that swat teams needs it. After using this dog, we change the dog for a swat team dog to do its’ job.”
B3	“These swat team dogs track, but when they are tracking they don’t only make that. During tracking, they can indicate if there are objects with human scent. Also, they can go for a forest and search for people, but when they found people, they are going to bite. Adding to this, swat team dogs can do also explosive detection. It’s only a question of training, it’s not a complex combination.”
B4	“Older dog handlers always have dual purpose dogs, because they have some knowlegde and they kow how to perform. Younger dog handlers always have single purpose dogs, but for us the most important part of the dogs is tracking. That’s a common task for both kind of dogs.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº26: Respostas à questão nº 4 da Entrevista ao grupo B

Nº	4) What is the best dog breed for intervention service dog?
B1	“In Intervention Unit, it’s Malinois (...) If you thing about mutual purpose dog, Malinois is the only breed that can do it and be efficient, because they are silent, they are faster. It’s easier to use Malionois to be quiet, because of them heritage.”
B2	“Malinois and somehow cross mixes between German Shepherd and Malinois. Malinois is consider the best breed for this unit, upon experience we made in the past, it’s about healthiness, it’s about speed and it’s about smartness.”
B3	“it’s Malinois, when we are talking about this kind of dogs. It’s more complete, it can act faster than others, it much easier to fly with it in a helicopter.”
B4	“German Shepherd and Belgium Malinois. In our climate, it isn’t so good for Malinois (...) Malinois don’t adapt so well to cold climates as German Shepherd.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº27: Respostas à questão nº 5 da Entrevista ao grupo B

Nº	5) How old are puppies, when ready to train as service dogs?
B1	“We want a team player, so these dogs have to be raised from 8 weeks since puppies. For us, it’s more difficult to integrate a new dog in the team. It’s much easier to build him to be part of the team. When they start it from the puppies, who is them teammate.”
B2	“We buy puppies deliver these puppies to police dog handlers, they keep these dogs at home and we start with the training when these dogs are six months (...) We bought plenty of dogs from Netherlands and some have been quiet good, but with others we felt some big problems with dog handlers, because they couldn’t handle it.”
B3	“It’s when a dog is 12 months old, it’s when a dog must to pass the exam.”
B4	“The basic training starts immediatly as we take them, it doesn’t matter if they are seven weeks only or if they are three or five months. But we can’t take a puppy that’s less than seven weeks (...) Specialization starts usually when a dog is one and a half year.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº28: Respostas à questão nº 6 da Entrevista ao grupo B

Nº	6) As a standard, how much time does a dog needs to train to able for the service?
B1	“If you get from puppyhood, intervention work may be minimum 3 years.”
B2	“Our basic training it’s five hundred forty four hours in three models (...) In explosive detection it’s ten weeks, in searching for death bodies and blood it’s twelve weeks (...) Sometimes it’s starts when dog is a puppy, but much of the time, they bought an adult dog with approximately one year and they start training. In this swat time they have a main instructor. Then puppy grows up with its dog handler and his swat team mates for an easier cooperation, because sometimes other team members must handle that dog in operations, like clearance a building.”
B3	“if a handler take it as a puppy, it’s about 20 months (...) basic training, it means the basics of tracking and using force. When a dog is 15 months old, we start to train his specialization (...) Training swat team dogs (...) know the basics of tracking, basics about bite work (...) is 9 weeks to become a swat team dog.”
B4	“Swat team dog, which had to be really well trained in all environment and circunstances, it’s allowed to have more time to train and then less time to work.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº29: Respostas à questão nº 7 da Entrevista ao grupo B

Nº	7) As adapting to different climate conditions, it's needed a specific training? What do you do?
B1	“adapt him to understand this tracking part, because the terrain were totally different (...) I had to do few exercises. It's quick and good to do those exercises (...) Just bring him to this new environment.”
B2	““The only exercise that I do to make it easier to adapt is give dog some space and time to understand this new environment.”
B3	“Maybe if dog is working from a place with -20 or +30 degrees, in that cases, we must have some special training to them.”
B4	“we train them in all conditions, to prepare us, because we know if we don't train like that, when we go to another place, dog will be out of business.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº30: Respostas à questão nº 8 da Entrevista ao grupo B

Nº	8) What are your unit possibilities to have a new dog for the service?
B1	“Money gets the best dogs to work with. We don't have breeding neither donation process.”
B2	“Sometimes we still buy adult dogs, but our preference is to buy puppies. We don't use donations.”
B3	“We have a breeding centre in our academy, but paralely we have the possibility to buy new dogs (...) To Swat team dogs, we prefer to buy a dog than raised one since puppyhood. We buy dogs with almos one year old, because for swat teams we don't have time enough to train them. They are always changing them for different places and missions.”
B4	“We only buy dogs. We don't breed (...) Is more efficient for us to buy a dog as a puppy, because a dog with one year old has already some kind of disturb. The reason that we buy puppies, is because with them we can train since puppyhood different kind of situations and condicions. In this way, we are sure that when they are adults they don't have any kind of disturb with a specific situation or condition (...) Even for Swat team dogs we buy a puppy.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº31: Respostas à questão nº 9 da Entrevista ao grupo B

Nº	9) Do you think training Swat Team dog is expensive? If, yes, you consider that's worthy?
B1	“if you get a better dog by this, so it's worthy (...) if using dogs, we get the same result than technology, even though technology can be better for the money, we only train dogs for a purpose and after using dog for that purpose, if we need, we can adapt that dog for another task, and he will do it to. Buying technology to make a task, it only will do that task. Technology isn't versatile as dog can be.”
B2	“Common opinion, when it's about money, handling dog training is very expensive, in the eyes of my superiors, but when I take in count how many shootings I have in Austria and how many weapons and ammunitions we are buying for training and then I have the accountability of 3 or 2 shootings per year in Austria, only. Adding to this every week we have some operations that we need dog, searching for track, people and explosives. So what is the balance? We spent money for things that only occur two times in a year. We must spent money for things we feel necessity to use every week. For example the diving team in swat team. How often is it needed? Dogs are more useful then these kind of things.”

Quadro nº31 (continuação): Respostas à questão nº 9 da Entrevista ao grupo B

Nº	9) Do you think training Swat Team dog is expensive? If, yes, you consider that's worthy?
B3	"in our country we don't care about money that it costs. When a dog can save a people's life, we don't ask about money. And when we are comparing this to another equipment or weapons, training a dog is not so expensive."
B4	"I can't say that's too expensive. If you see our price list, we have a small school, basic course for one handler, it cost 2000 euros, and usually we have six people in basic course. It includes our salary and everything we needed."

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº32: Respostas à questão nº 10 da Entrevista ao grupo B

Nº	10) Normally, what is the position of dog teams as part of a section or a squad? Why?
B1	"It depends, if you use it as a slow entry mode, in a situation for example like a corridor and doors, you use it as a long line to check the doors, in front of team, or only on demand of the squad leader, as an apprehension or taking something."
B2	"When they entering, dog is in last position. Then if the decision is entering here, maybe it's a case to use dog, so dog handler comes to the front and send it. Team stops, dog works, if the dog had done its task, dog and dog handler go back to last position in team. There is no movement in the team, when dog is working."
B3	"Usually dog handler and his dog are behind the team. When leader of team need them, he call them to be at front of them. Before dog goes to do his job, leader tell handler what he wants for the dog and if dog is ready or not to do it. After this, is the handler that will decide what to do."
B4	"usually dog handlers if approaching to a building is the last one. Then when we actually open a door, he's the second or the third, because he's already sniffing. When he's on tracking, he's in the middle of two firsts bodyguards."

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº33: Respostas à questão nº 11 da Entrevista ao grupo B

Nº	11) Do you think that dog can be used in underground close quarter combat?
B1	"It's like a building to a dog, like corridors and doors. So if dog is trained to be used in that way, we can use it. It was already used and nobody told that felt some problems using dogs in this kind of situations."
B2	"In darkness and bunkers, basements, everywhere. Dog will smell and warning us if it has a threat in its interior."
B4	"We don't have so many structures in that kind of type. It doesn't have written rules, it depends."

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº34: Respostas à questão nº 12 da Entrevista ao grupo B

Nº	12) In your opinion, what are the benefits of using dogs in urban operations?
B1	“it’s not going to be like easy. It takes effort, time and maybe even in the process you have to change dogs (...) The benefit of using dogs in urban operation is because with them we can have like an eagle eye in front of us for detecting explosives or tracking human smell.”
B2	“For me, advantages of using a dog is the speed of the dog, it’s the surprise that a dog gives me in this action and maybe using a dog can safe life of human swat team members, because the criminal will be focus on a dog.”
B3	“The Swat team dogs can going after these banks, when you must react very quickly, when it’s not just checking and when you don’t have time to speak with this dangerous person. When we use patrol dogs, they don’t bite as Swat team dog, when he saw someone dangerous he indicates it without moving. When we must search in a building a explosive threat, then we use two dogs, but they will not work together. First, one track for explosives and after that the other one track for the enemy to bite.”
B4	“For us a dog is a good solution, to use it in grey situations, so not in situations black or white. Dog is good for situations when we don’t have certain about something. It could safe our lifes in situations like those ones. A dog become our route more safe, because he will detect something if it’s a threat for us. They give us confidence.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº35: Respostas à questão nº 13 da Entrevista ao grupo B

Nº	13) During your career, what are the lessons learnt that you have?
B2	“Core experience that I want to deliver to all my students, dog handlers and instructors, is that dog training isn’t a matter of being very strong or being very laud. It’s a matter of brain, thinking a lot, changing, adapting and preparing the circumstances that dog can learn.”
B3	“For me when a dog handler says that he knows everything, it’s time for him to go rest. It’s a learning process all the time. It’s when you work with different dogs and people, perhaps from different countries, is when you learn a lot. The hardest situation for a handler, is when he sends his dog to search something, and he knows that’s a high risk of his dog be killed.”
B4	“When I started in 1994 as a dog handler, we had a really few dogs able to bite. We were really concerned about that. Untill 2004, our dogs were able to bite, but at the same time they were crazy. They were always barking and yelling. Then we changed our training system, since then we are able to mantain it quiet. We are able to bite with very different circumstances. The lesson learnt about that is even a dog is yours and you are ready to use it, sometimes it doesn’t not work and a plan B should be always considered and started immediatly, if we understand that something is going wrong. To cagth someone, we have to have tracking abilities, before it we were thinking that a Swat team dog only have to bite like a crazy machine. It don’t works that way, because before apprehention, you have to find them.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº36: Respostas à questão nº 14 da Entrevista ao grupo B

Nº	14) Do you have a different training for this Swat Team Dogs?
B1	“Normal obedience train will make him to understand that cooperation with the handler is meaningful. And after the cooperation part from the obedience starts from the puppyhood, you implement the decoy work in to it and raised the criteria in the process.”
B2	“build positive relationship between dog and dog handler it’s the same train as a patrol dog or a explosive detection dog. Then you start making exercises towards the final goal which is searching for criminal individuals. The Sweat team dog doesn’t indicate, it only attacks and bite. We don’t use this kind of dogs for rescue. Also, they aren’t used for tracking, they only have intervention attack. They don’t detect explosives, or other kind of things.”
B4	“If dog is able to bite, able to search or bark to indicate something. During a basic course all preparation are done. Then it depends on handler and dog qualities to become it dual purpose dog or not.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro nº37: Respostas à questão nº 15 da Entrevista ao grupo B

Nº	15) Do you think to introduce a dog in Swat Team is difficult?
B2	“We don’t feel any kind of difficulty to integrate dog in swat team as a member, because it grows with the team (...) We are the experts for the training of the dogs and we have given training for instructors from swat team in dog issues and we work together. The certification for these swat team dogs is stand by us. Technical things are only in them unit. The dog handler is member of the swat team.”
B3	“No, because we are training everytime with them. Our dogs get used to be part of that teams (...) They are in a different unit than ours. In our academy we train with Swat teams, but they aren’t in the same place than us.”
B4	“Swat team unit is separete of our school. The main difficult is that Swat team usually wants to have already operation dog, they don’t understand nothing about training and why sometimes dog doesn’t achieve their goals. For a Swat team member they think that’s a waste of time, try to convence a dog to go with you. That’s why dog handler isn’t a Swat team soldier (...) He tried to include dog in team without influence dog work with Swat team members.”

Fonte: Elaboração Própria